

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA  
CAMPUS DE IMPERATRIZ

LÍCIA GOMES ALVES FEITOSA

**JORNAL 'NA HORA D': ALTERAÇÕES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO EM  
MEIO A PANDEMIA DA COVID-19**

IMPERATRIZ  
2022

**LÍCIA GOMES ALVES FEITOSA**

**JORNAL ‘NA HORA D’: ALTERAÇÕES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO EM  
MEIO A PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão como requisito básico para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social / Jornalismo, pela universidade Federal do Maranhão.

Orientador/a: Dr<sup>a</sup>. Leila Lima de Sousa

Aprovado em: **03/06/2022**

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Leila Lima de Sousa (Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcelli Alves da Silva (Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Izani Pibernat Mustafá (Examinadora)

Imperatriz – MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

FEITOSA, Lícia Gomes Alves.

Jornal Na Hora D : alterações no processo de produção  
em meio a pandemia da covid-19 / Lícia Gomes Alves  
FEITOSA. - 2022.

73 f.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leila Lima de Sousa.

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade  
Federal do Maranhão, UFMA/Imperatriz, 2022.

1. Covid-19. 2. Imperatriz. 3. Jornal Na Hora D. 4.  
Pandemia. 5. Telejornalismo. I. Sousa, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leila  
Lima de. II. Título.

A Deus quem me deu graça. Aos meus pais que sempre me apoiaram me dando todo suporte durante a graduação. Aos amigos que acreditaram na minha capacidade.



## AGRADECIMENTOS

Confesso que no início da graduação não tive muitas expectativas sobre o curso, porém, o inesperado é sempre surpreendente, e pra mim foi de forma totalmente positiva. A cada novo período eu vencia meu eu e me tornava uma pessoa melhor. Cursar Comunicação Social/Jornalismo me transformou de dentro para fora, além de abrir meus olhos para novos horizontes.

As novas experiências e desafios despertaram em mim a capacidade de nunca desistir dos meus sonhos, apesar dos medos, eu nunca olhava para trás, meu alvo era chegar até o fim, e aqui estou.

Durante a maior parte do curso morei longe dos meus pais, o que pra mim foi bem mais difícil. Me tornei adulta logo cedo, com isso, as responsabilidades eram maiores. Era tudo muito corrido, ter que conciliar faculdade, trabalho, igreja, casa, dentre outros serviços, deixavam minha rotina cansativa, contudo, não nego que isso nunca foi motivo para desistir de concluir a faculdade, vi Deus a me dar forças todos os dias.

Portanto, quero deixar meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para que isso acontecesse.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, o Senhor da minha vida que me concedeu graça para chegar até aqui. Toda honra e glória a Ele.

Agradeço a minha mãe, Ozélia Gomes, que sempre me levava palavras de ânimo e encorajamento quando eu pensava que não iria conseguir. Essa mulher de fé orou e acreditou em mim quando eu queria desistir. Ela me ensinou que não há nada que não podemos vencer quando oramos, temos fé e fazemos nossa parte. Sem dúvida ela foi um dos pilares essenciais para minha conquista.

Agradeço ao meu pai, Edson Gomes, quem tanto me concedeu suporte, não apenas financeiro durante a graduação, mas por também acreditar que eu seria capaz. Era mais que satisfatório ver a alegria dele quando eu lhe contava das minhas conquistas, mesmo as mais simples. Deixo registrado aqui o dia em que lhe contei sobre chegar a 70 páginas de TCC, quando o mínimo era 50. Painho sorriu pra mim

imensamente, aquilo se tornava meu incentivo de chegar ao final, não foi apenas por mim, mas por eles dois. Painho e Mainha, amo vocês eternamente.

Agradeço a minha professora e orientadora, Leila Lima de Sousa, me faltam palavras para expressar minha gratidão a ela. Deus me concedeu a oportunidade de tê-la como professora no 6º semestre. Ao chegar ao último período, veio o mais temido momento de todo universitário, o TCC. Eu tinha um projeto pronto, mas veio à tona quando um outro orientador me disse que o tema não era cabível, aquilo pra mim seria o fim, entrei em desespero e não sabia o que fazer. Até que recebi uma mensagem da professora Leila, que abraçou meu trabalho e disse que conseguiria me orientar. A partir dali tudo se tornou diferente, além de ser minha orientadora, ela foi amiga, conselheira e até psicóloga, sem dúvidas eu não poderia ter tido orientadora melhor, ela acreditou em mim até quando eu mesma não acreditava.

Agradeço a um amigo muito especial, Elson Mário, que esteve comigo durante todo esse processo me encorajando com palavras de ânimo e acreditando em mim.

Por fim, agradeço a mim, que com muita força concedida por Deus consegui realizar meu sonho de produzir o próprio TCC. Eu não me sentia capaz, mas hoje, ao olhar para trás e ver tudo que enfrentei para chegar até aqui, entendo que foi necessário. O processo não foi fácil, mas me transformou e me engrandeceu a acreditar em mim mesma. Grata a Deus por tudo.

Dando graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas.

Apóstolo Paulo

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de investigar as possíveis alterações identificadas no processo de produção de um dos principais telejornais locais da cidade de Imperatriz – MA, em meio a pandemia: **Na Hora D**, da **TV Difusora Sul**. Para isso, a pesquisa se debruçou em três abordagens metodológicas: pesquisa exploratória, revisão bibliográfica e análise de conteúdo. Foi analisada uma semana em três períodos diferentes do jornal: setembro de 2020; abril de 2021 e janeiro de 2022, somando um total de 15 edições, com 121 materiais como: reportagens, notas cobertas e ao vivo. O suporte teórico do trabalho se sustenta em dois eixos: 1. Reflexões iniciais do trabalho jornalístico em meio a pandemia, ou seja, como foram acontecendo as alterações para continuar produzindo mesmo com os novos desafios; 2. Sobre os processos da produção jornalística no telejornalismo, também destacando características do telejornalismo local. Ao fim da pesquisa concluímos que as alterações mais percebidas foram: os profissionais do jornalismo e as fontes oficiais são os que mais levam em consideração o protocolo sanitário; o repórter é quem tem a posse do microfone na maioria das vezes; o formato da entrevista em vídeo foi bastante utilizado devido às condições sobre como se portar em meio à pandemia, dentre outros. Além disso, percebemos que essas alterações não afetaram a produção de forma tão impactante ao ponto de não conseguirem cumprir com as demandas, já que os jornalistas não estavam preparados para uma pandemia, o que de fato tornou desafiador produzir.

**Palavras-chave:** Telejornalismo; Covid-19/pandemia; Jornal Na Hora D; Imperatriz.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados referentes ao uso do teletrabalho.....	15
Tabela 2. Quantidade de elementos que compõem o jornal.....	36
Tabela 3. Editoria do Jornal na Hora D.....	37
Tabela 4. Quantidade de reportagens por edição do jornal (Setembro - 2020).....	43
Tabela 5. Quantidade de reportagens por edição do jornal (Abril – 2021).....	43
Tabela 6. Quantidade de reportagens por edição do jornal (Janeiro – 2022) .....	44
Tabela 7. Quantidade quanto à posse do microfone.....	48
Tabela 8. Quantidade de material informativo que utilizaram fontes primárias, secundárias e de ambas durante as entrevistas.....	63

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Recorte da matéria sobre a primeira transmissão em cores.....	23
Figura 2. Matérias do Jornal da Difusora (Facebook).....	29
Figura 3. Matérias do Jornal da Difusora (Youtube).....	29
Figura 4. Boletim dos atingidos pelas enchentes (Jornal do dia 26/01/22).....	39
Figura 5. Boletim Nacional sobre a Covid-19 (Jornal do dia 22/04/21).....	41
Figura 6. Boletim Estadual sobre a Covid-19 (Jornal do dia 22/04/21).....	42
Figura 7. Boletim Regional sobre a Covid-19 (Jornal do dia 22/04/21).....	42
Figura 8. Alagamento causado devido as fortes chuvas.....	45
Figura 9. Entrevista realizada com morador sobre os alagamentos.....	45
Figura 10. Momento durante a entrevista na qual o repórter segura o microfone.....	47
Figura 11. Primeiro momento em que o entrevistado tem posse do microfone.....	49
Figura 12. Segundo momento em que o entrevistado tem posse do microfone.....	50
Figura 13. Momento em que o repórter não utiliza máscara durante entrevista.....	51
Figura 14. Momento na entrevista em estúdio que há distanciamento, mas não há o uso de máscara.....	52
Figura 15. Momento durante a entrevista no qual não há medidas preventivas.....	53
Figura 16. Momento durante a entrevista no qual não há distanciamento entre os entrevistados.....	54
Figura 17. Momento durante a entrevista no qual não há distanciamento entre os entrevistados.....	55
Figura 18. Momento durante a entrevista ao vivo por via Skype.....	57
Figura 19. Momento durante a entrevista por vídeo.....	58
Figura 20. Momento durante a entrevista por vídeo.....	59
Figura 21. Momento durante a entrevista por vídeo.....	59

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. A PANDEMIA E O TRABALHO JORNALÍSTICO NO BRASIL: REFLEXÕES INICIAIS CONTEXTUAIS</b> .....	13
<b>3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA</b> .....	17
3.1. Telejornalismo e os processos de produção da notícia.....	21
3.2. O telejornalismo local.....	24
3.3. Breve histórico sobre o telejornalismo local do jornal Na Hora D .....	27
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	31
<b>5. ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	35
5.1. Assuntos mais abordados nos programas .....	37
5.2. Reportagens sobre a covid-19.....	40
5.3. Quantidade de reportagens total e por programa.....	43
5.4. Possíveis alterações no processo de produção da reportagem.....	46
5.5. Entrevistas que acontecem nos estúdios.....	52
5.6. Entrevistas que acontecem por via Skype .....	56
5.7. Alterações identificadas nos diferentes períodos em relação ao processo de produção jornalística em atendimento às medidas sanitárias .....	60
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	65
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	69

## 1. INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a população mundial começou a enfrentar uma crise sanitária de saúde por conta da pandemia do vírus 2019-n-CoV, que a partir do dia 11 de fevereiro recebeu o nome oficial de Covid-19. Este termo faz menção a (co)rona (vi)rus (d)isease, e o número 19 está relacionado ao ano de 2019 quando os primeiros casos foram sendo descobertos na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China (DOMINGUEZ, 2020). Por conta desse acontecimento, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a chamada Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – que de acordo com o Regulamento Sanitário Internacional é o mais alto nível de alerta da Organização<sup>1</sup>. Esta decisão foi tomada a fim de evitar a propagação do vírus, devido sua contaminação e proliferação acontecerem rapidamente (DOMINGUEZ, 2020).

A contaminação do vírus acontece por meio do ar ou por secreções de pessoas contaminadas, como gotículas de salivas, espirro, tosse, catarro, toque ou aperto de mão, contato com objetos ou superfícies contaminadas seguido de contato com boca, nariz ou olhos. Para que o contágio fosse evitado, as medidas essenciais e obrigatórias foram o uso da proteção facial – máscara, ter distanciamento social de no mínimo 1m5cm e higienizar as mãos com álcool com fator mínimo de 70%.

Devido a esse acontecimento e com base nas recomendações sanitárias, todas as áreas de atividades de trabalho passaram a ter um comportamento diferente. Como por exemplo: a redução de pessoas no trabalho, as aulas que passaram a acontecer de forma remota, as atividades não essenciais que foram suspensas durante a observação em como o vírus iria se comportar, dentre outros.

Oliveira (2020) diz que “a informação, ferramenta necessária para conscientização da população, por exemplo, precisou ser mais rápida e precisa (OLIVEIRA, 2020, p.15)”. Portanto, sabe-se que o jornalismo é um serviço essencial e de grande relevância para o mundo. O mesmo teve de sofrer alterações no processo de produção para que as demandas fossem cumpridas.

---

<sup>1</sup> DOMINGUEZ, Bruno. Covid-19: que vírus é esse? Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 30 de março de 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-que-virus-e-esse>



Diante disso, esta pesquisa busca responder aos seguintes questionamentos: quais as mudanças que o jornal Na Hora D, da Difusora Sul, atravessou para produzir em meio a pandemia? Quais as principais mudanças que ocorreram? A pandemia afetou no produto final de produção? Como aconteceram as entrevistas? Foi com base nessas indagações que este trabalho se propôs a analisar quais foram as alterações no processo de produção do telejornal local da cidade de Imperatriz.

O jornal escolhido para a análise foi o **Na Hora D**, da **Difusora Sul**, emissora de televisão filiada ao SBT, importante conglomerado de comunicação da cidade de Imperatriz - Maranhão. O jornal tinha início das 12h30 às 13h15, e no início do ano de 2022 teve um novo horário, começando 11h45 às 13h30. A escolha em analisar este jornal se deu devido a possibilidade em acessar os programas que são disponibilizados todos os dias nas plataformas da emissora: **YouTUBE** e **Facebook**. A pesquisa coletou uma semana de três períodos diferentes para identificarmos se havia ou não alterações na produção do telejornal. O recorte se deu nos seguintes intervalos: setembro de 2020, abril de 2021 e janeiro de 2022, somando um total de 121 corpus coletados, dentre eles: reportagens, notas cobertas<sup>2</sup> e ao vivo. O ano de 2020 serviu para analisarmos como estava sendo a condução do jornal no que se refere à produção da notícia, já que várias mudanças já haviam acontecido por causa da pandemia.

O mês de abril do ano de 2021 foi escolhido devido ao pico de mortes da Covid-19. Mesmo com a segunda onda, os veículos já haviam se adaptado às novas formas de fazer jornalismo, mas obtendo uma melhor estrutura, de forma a atender aos protocolos sanitários. Ou seja, esse recorte foi necessário para mostrar se houve alterações após o início da pandemia além das já ocorridas. Por fim, a decisão pelo recorte do ano de 2022 deve-se ao objetivo de analisar o contexto e os desafios gerados aos profissionais que tiveram que lidar com uma nova variante do vírus da covid-19 e também com um surto de gripe.

Este estudo justifica-se como importante devido seu objetivo em tentar descobrir quais as alterações no processo de produção em meio a pandemia da covid-19 de um telejornal brasileiro local, além de ser o primeiro trabalho teórico voltado ao estudo do jornal '**Na Hora D** – da TV Difusora Sul' em meio a pandemia. O

---

<sup>2</sup> Nota coberta se configura quando a matéria possui imagens com off, isto é, com uma narração, que pode ser o do repórter ou do apresentador, **coberta** por imagens.

trabalho também levanta questões que trazem outras perspectivas de pesquisas que podem ser aprofundadas futuramente. Assim, pode servir de fonte e referência de pesquisa para investigações futuras.

O corpus deste trabalho se desenvolve em 6 capítulos. Além da introdução, o **capítulo 2** aborda de maneira geral algumas reflexões sobre o trabalho jornalístico em meio a pandemia. Já o **capítulo 3** discorre sobre os processos de produção, como é um telejornalismo local, e traz um breve histórico sobre o telejornal analisado nesta pesquisa: **Jornal Na Hora D**.

O **capítulo 4**, debruça-se inteiramente à metodologia. A pesquisa utilizou 3 suportes metodológicos diferentes: pesquisa exploratória, revisão bibliográfica e análise de conteúdo. A pesquisa exploratória foi importante para mapearmos melhor o caminho a ser seguido. Na revisão bibliográfica foi feito um levantamento dos trabalhos teóricos que serviriam como base para este estudo, por último a análise de conteúdo, dela saiu o resultado de todo material analisado. O que vai ser abordado no capítulo seguinte.

O **capítulo 5** compõe as discussões sobre o resultado da análise de acordo com o objetivo deste trabalho. Ele foi dividido em 7 subtítulos que trazem detalhes sobre: a) os assuntos mais abordados no jornal; b) reportagens sobre covid-19; c) quantidade de reportagens total e por edição; d) quais as alterações no processo de produção; e) entrevistas que acontecem nos estúdios; f) entrevistas via Skype e por fim; g) quais as alterações identificadas nos diferentes períodos da análise.

O **capítulo 6** traz as considerações finais. Destaca como os jornalistas se adaptaram para produzir em meio à pandemia; quais as alterações durante o processo de produção, dentre outros.

## **2. A PANDEMIA E O TRABALHO JORNALÍSTICO NO BRASIL: REFLEXÕES INICIAIS CONTEXTUAIS**

Devido a pandemia da covid-19, a rotina de vida da população mundial sofreu modificações para evitar aglomerações e a maior disseminação do vírus. Intensas mudanças tiveram de ser feitas, pois a pandemia “[..] afeta a saúde, a educação, a cultura, a informação, o trabalho, a economia, o jornalismo, as relações sociais, em suma, a maneira de estar, viver e interagir consigo e com o mundo” (VICENTINI; ALBUQUERQUE, 2021, p. 66).

Diante desse novo cenário, buscou-se explorar algumas formas para a execução das atividades consideradas essenciais. A internet, por exemplo, facilitou a execução de muitos trabalhos, o que contribuiu para evitar aglomerações, tanto nos postos de trabalho quanto na educação que são atividades essenciais do dia a dia da sociedade. O mundo que era virtual antes da pandemia, passou a ser mais ainda após o surgimento do vírus, exemplo disso são os trabalhos e aulas que passaram a ser executados virtualmente. Silva e Matos (2021) relembram que o diante do comportamento do vírus, o mundo se viu em uma situação de obrigação em adotar providências que serviriam como uma medida de conter o vírus. Foi então que as mudanças começaram: “como o fechamento do comércio e restaurantes, parte significativa das empresas passaram a adotar o home office, os alunos que frequentavam a educação presencial, da pré-escola à faculdade, passaram a se adaptar ao ensino remoto” (SILVA; MATOS, 2021, p.214).

Embora a situação atual exija o afastamento físico e não social, novas práticas precisaram ser trabalhadas para que a rotina de estudos e trabalhos pudessem continuar sendo realizadas. Na educação, por exemplo, “[...] o surgimento de novas práticas forjou [...] no âmbito da educação, práticas pedagógicas emergentes e urgentes para lidar com a pandemia” (SANTANA; SALES, 2020, p. 77).

Essas rápidas mudanças trazem consigo os desafios em transformar as práticas pedagógicas para um ambiente tecnológico, não que ele seja novo, mas no

período atual, estratégias alternativas foram adotadas de maneira mais intensa por meio da tecnologia.

Com relação à rotina de trabalho, um estudo baseado no teletrabalho durante a quarentena realizado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2020, chegou ao resultado que no Brasil 13,3% dos trabalhadores exerceram suas atividades de forma on-line, o que é equivalente a 8,7 milhões de trabalhadores<sup>3</sup> (ALMEIDA, 2020).

Segundo uma pesquisa desenvolvida por professores da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2020, de abrangência nacional por meio de questionários on-line com relação ao trabalho remoto no contexto de pandemia, os resultados referentes ao ritmo e a qualidade de trabalho de maneira conjunta revelou que 48,45% dos respondentes consideram que o ritmo de trabalho ficou mais acelerado, já 87,2% responderam que a qualidade do trabalho presencial é melhor ou igual a do trabalho remoto.

Conforme uma pesquisa feita em 2020 pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) no Portal Press, o esquema de home-office foi a saída dentro no contexto de pandemia para muitos profissionais. Trabalho que deu certo, no período, para o grupo conglomerado de mídia brasileiro RBS, na qual 73% dos jornalistas foram direcionados para o sistema de teletrabalho.

De acordo com a pesquisa realizada pelo site da Agência Brasil<sup>4</sup> em 2020 dentro do período de pandemia, 46% das empresas adotaram o uso da internet para o teletrabalho, mais conhecido como home office. Um estudo elaborado pela Fundação Instituto de Administração (FIA) coletou, em abril de 2020, dados de 139 pequenas, médias e grandes empresas que atuam em todo Brasil. É possível analisar este aumento na tabela abaixo:

---

<sup>3</sup> ALMEIDA, Livia, 2020. Em maio, 13,3% das pessoas ocupadas exerceram teletrabalho. Chicoterra, 08 de julho de 2020. Disponível em: <https://chicoterra.com/2020/07/08/em-maio-133-das-pessoas-ocupadas-exerceram-teletrabalho/>

<sup>4</sup> MELLO, Daniel. Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. Agência Brasil, São Paulo, 28 de julho de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>

**Tabela 1 – Dados referentes ao uso do teletrabalho**

Serviços hospitalares	53%
Indústria	47%
Grandes empresas	55%
Pequenas empresas	31%
Sistema parcial de home office	33%

Fonte: Agência Brasil

Mediante ao que se percebe acima, com relação às companhias que adotaram o teletrabalho durante a quarentena foi maior no ramo de Serviços Hospitalares com 53%, e em segundo lugar a Indústria com 47% (MELLO, 2020). Em Grandes Empresas, o índice do trabalho remoto ficou com 55% em relação às Pequenas Empresas com 31%. Já 33%, disseram ter adotado um Serviço Parcial de Home Office, valendo apenas em alguns dias na semana. Vale ressaltar que nas empresas foram colocados em regime home office funcionários que teriam viabilidade para trabalharem a distância, somando um total de 41%, tanto em grandes como em pequenas empresas (MELLO, 2020).

Partindo desse pressuposto, o aumento do uso da internet para todas as áreas esbarra nos problemas de conexão. Só em março de 2020, de acordo com os dados de uma matéria do site G1<sup>5</sup>, a Anatel registrou 67 mil reclamações relativas à banda larga, com concentração a partir da segunda quinzena. Em abril, o volume passou de 74 mil e em maio o número foi semelhante, com mais de 73 mil queixas. No ano de 2020 houve 50 mil reclamações em março, 48 mil em abril e 47 mil em maio de 2020.

Outra complicação do home office que os jornalistas enfrentaram, por exemplo, se deu devido à adaptação das ferramentas tecnológicas como uso de trabalho. De acordo com o Portal Press<sup>6</sup>, segundo o estudo realizado pela Federação

<sup>5</sup> LAVADO, Thiago. Com maior uso da internet durante pandemia, número de reclamações aumenta; especialistas apontam problemas mais comuns. G1, São Paulo, 11 de junho de 2020.

Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/06/11/com-maior-uso-da-internet-durante-pandemia-numero-de-reclamacoes-aumenta-especialistas-apontam-problemas-mais-comuns.ghtml>

<sup>6</sup>Jornalismo em tempos de pandemia. Portal Press. Porto Alegre. Disponível em: <http://revistapress.com.br/revista-press/jornalismo-em-tempos-de-pandemia/>

Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 2020, o trabalho dos jornalistas em home office se configurou em 75,2 % durante o período de pandemia. Outrossim, a pesquisa também ressalta que o acúmulo de muito trabalho elevou o nível de estresse, sobrecarga de funções, além da cobrança dos resultados, salário reduzido, suspensão de contratos e demissões.

Enfim, para que as pessoas se adaptassem à rotina diária de trabalho/estudo de forma presencial, foi necessário medidas de proteção. O novo modelo ganhou uma roupagem não habitual da sociedade, além das medidas preventivas existentes (uso da máscara, distanciamento social, higienizar as mãos, dentre outros), o surgimento da vacina veio para somar quanto à proteção contra a covid-19.

Conhecidas como: CoronaVac, a Oxford/AstraZeneca e a Pfizer/BioNTech, as vacinas trouxeram esperança para as pessoas, a fim de que as atividades fossem retomadas como se fossem voltar 'ao normal', principalmente no âmbito educacional, devido a aglomeração de pessoas em um mesmo espaço, ou seja, na sala de aula.

Após o surgimento da vacina, as atividades presenciais ganharam um novo modelo, permitindo assim que os encontros pudessem ser retomados, porém, seguindo as primeiras medidas preventivas desde o início da pandemia: distanciamento social, uso de máscara, higienização, além da vacina.

É importante pontuar que não foram todas as áreas de serviço que puderam se adaptar ao teletrabalho, porém, atividades essenciais não puderam parar como: médicos, professores, jornalistas, dentre outros. O que trouxe a necessidade de adaptação ao novo estilo de vida.

### 3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Sob uma constante mudança, a informação que faz parte do dia a dia das pessoas precisou de medidas urgentes a fim de que seu fluxo continuasse constante nas mídias, e é por meio do jornalismo que ela acontece. O jornalismo é um serviço prestado através das notícias por diversas mídias. Dentre elas, está o telejornalismo, uma maneira de produzir jornalismo que une práticas textuais, sonoras e imagéticas (CAJAZEIRA; SOUZA, 2020).

No que se refere à mídia local, sabe-se que a maneira de produzir jornalismo depende de cada telejornal (OLIVEIRA, 2020). Portanto, a pandemia não só mudou a construção das matérias tal como serviu para reforçar a necessidade que as mídias locais têm para saber sobre a situação do vírus de acordo com o governo local de cada região, já que medidas de proteção podem ser diferentes das nacionais, inclusive, foi o que aconteceu em muitos estados brasileiros (RÊGO; SILVA, 2020).

O telejornal local oferece a toda sociedade a importância do debate público quanto a questões próximas a elas, dessa forma, por meio da influência do telejornalismo os indivíduos se constroem tanto no comportamento tal como na reprodução dinâmica de vida que o(a) faz entender pertencer a um lugar específico (CAJAZEIRA; SOUZA, 2020). Entende-se, portanto, que a prática jornalística é uma atividade que garante a sociedade o desenvolvimento de uma identidade.

Devido à pandemia da covid-19 desde o mês de março de 2020, os veículos de comunicação tiveram que se adaptar a uma nova forma de produzir os conteúdos jornalísticos para que não houvesse maiores prejuízos dentro da produção jornalística.

Partindo dessa questão, dentro de um novo cenário, o jornalismo levou em consideração a adaptação das práticas jornalísticas de forma emergente, o que alterou de maneira intensa a práxis de produção e veiculação da informação (GÖTZ; COSTA, 2021), mas sem deixar de lado o que é fundamental no que se refere à produção jornalística, inclusive, obedecendo as regras éticas e técnicas associadas as práticas (FERRARETTO; MORGADO, 2020).

Essas duas questões citadas por Ferraretto e Morgado se encontram nos quatro valores sugeridos para empresários e gestores de comunicação trabalharem internamente em suas empresas. São eles:

1 – Flexibilidade, remetendo à ideia de adaptação fácil a novos cenários, sem abandonar, no processo, aquilo que é essencial.

2 – Responsabilidade, qualidade de quem reconhece seu papel e o exerce o mais plenamente possível, procurando obedecer a parâmetros éticos e técnicos na realização de suas atividades.

3 – Parceria, expressão de uma união baseada na solidariedade entre quem se coloca no mesmo patamar, dialogando e aproveitando diferenças para o exercício da complementariedade focada na consecução de objetivos comuns.

4 – Coragem, demonstração de força diante de situações complicadas que, pare serem resolvidas, exigem criatividade, persistência e, acima de tudo, uma reação positiva frente à diversidade (FERRARETTO e MORGADO, 2020, p. 10 e 11).

Por intermédio desses valores que precisam ser aderidos pelo jornalismo, tem sido desafiador executar essa tarefa devido a vários problemas enfrentados, além da realização das atividades presenciais que passaram a ser remotas também, um exemplo disso são as entrevistas. Oliveira (2020), fala que produzir jornalismo em meio à pandemia fez com que as atividades pudessem ser reconfiguradas dentro de um novo cenário, o que faz com que a responsabilidade em apurar os dados sigam um protocolo bem arriscado quanto a confiabilidade das informações.

Já que o jornalismo é uma atividade essencial, percebe-se, portanto, a necessidade de buscar formas para que o trabalho continue a ser exercido de acordo com suas finalidades. Atualmente, as práticas comunicacionais têm tido um grande impacto devido os processos de midiatização e mais recentemente de digitalização (BONIN, 2018). Assim, as novas maneiras de conduzir o trabalho se tornam as respostas aos problemas que surgiram após o início de pandemia. “A construção investigativa, nas dimensões epistêmicas, teóricas, metodológicas e técnicas, é desafiada a constituir-se em afinidade com essas transformações” (BONIN, 2018, p. 14).

Suyanne de Souza (2016) salienta que a tecnologia em meio à pandemia não mudou apenas a forma de criar o conteúdo jornalístico, mas trouxe práticas que possibilitaram explorar novos caminhos.

Ao jornalista da era digital surgem novas funções que trazem mudanças significativas ao exercício da profissão. Além de ser um mediador de fatos, hoje precisamos pensar em uma produção



diferenciada de conteúdos e nos integrarmos a profissionais de áreas distintas. Não temos como falar em comunicação sem falar em tecnologia, sem pensar a produção de novas linguagens. Mais do que isso, precisamos estar à frente, pensar em utilizar tecnologias que ainda não foram inventadas e descobrir mercados que ainda não existem (SOUZA, 2016, p. 55).

Dessa forma, a realização de atividades com bases nas práticas jornalísticas tem se reconfigurado a cada dia mais. Nos diferentes setores da redação mudanças foram acontecendo para que o exercício da profissão fosse seguro (OLIVEIRA, 2020). Para frear a contaminação do vírus, o afastamento social e o home office foram sugeridos como medidas necessárias (BARROS, et al., 2020).

Sendo assim, é possível compreender como os apresentadores, cinegrafistas, produtores, editores e toda redação foram se adaptando pelos meios de comunicação para produzir jornalismo, que por um lado atualmente a coleta de dados acontece parcialmente de forma virtual, porém, boa parte das matérias produzidas são formadas por meio do contato presencial com as fontes, mas que no período pandêmico houve redução.

Diante do cenário atual pode-se associar essa adaptação por parte do fazer jornalismo segundo o que diz os pesquisadores Janaína Barros, et al., (2020). Os autores conversam sobre o trabalho dos profissionais do jornalismo no que diz respeito ao serviço público que consiste em apuração. Dessa maneira, é a partir das exigências que o jornalismo possui, que os comunicadores precisaram se reinventar no atual contexto de pandemia. “Há um árduo empenho em reconstruir as dinâmicas das prescrições para o trabalho, refazer as relações com as entidades relativamente pertinentes sem as quais é impossível trabalhar” (BARROS, et al., 2020, p. 72 e 73).

Dessa forma, embora os desafios se concretizem em como toda equipe jornalística irá fazer a fim de se adaptar ao novo contexto, é indubitável entender que mesmo com os desafios durante o processo de produção é possível continuar fazendo jornalismo mesmo com tais mudanças imediatas, afinal o jornalismo não pode parar.

Todo o corpo da redação jornalística se concretiza em duas finalidades: união e esforço. O trabalho em conjunto e o empenho para que o jornalismo continuasse sendo feito se tornou essencial, fazendo com que as mudanças motivadas pela pandemia e as restrições sanitárias não afetassem a produção. “O trabalho de equipe é essencial não

somente para o processo de produção rotineiro, mas em particular para o desenvolvimento de inovações no sistema produtivo” (ARAÚJO, et al., 2020, p.4).

Sabe-se que o principal objetivo do jornalismo é a informação/informar. Dessa maneira, mediante ao novo contexto, “a informação, ferramenta necessária para conscientização da população, por exemplo, precisou ser mais rápida e precisa” (OLIVEIRA, 2020, p.13). A coleta de dados passou a ser realizada de forma diferente, o que acelerou o processo de construção, que acontece seguindo as regras do protocolo sanitário, como: distanciamento social – o que levou as entrevistas a serem realizadas remotamente, uso de máscara, higienização das mãos e dos aparelhos, além da redução de equipe. De todas as práticas, muitas das regras do jornalismo precisaram ser repensadas, ou até mesmo anuladas para que a notícia continuasse sendo produzida (SILVA; MATOS, 2021).

De fato, produzir mesmo de maneira diferente reforça a importância de que o jornalismo tem o dever de levar informação de qualidade à sociedade, além de ser uma atividade essencial é também um trabalho assegurado por lei no que se refere a informar. De acordo com a Constituição Federal do Brasil de 1988, no artigo 5º inciso XIV - é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional. Sendo assim, esse se torna um dos motivos pela qual a atividade jornalística não deve parar.

Informar é um dever muito importante, principalmente devido ao cenário atual. Oliveira (2020) reforça a importância do telejornal devido sua referência em apuração, sendo assim, o jornal por meio da TV carrega a responsabilidade de possuir credibilidade através das notícias, matérias e reportagens exibidas. Com essa responsabilidade, seja ele local ou regional, o telejornalismo se configura como um eixo central de representação, pois engloba as dificuldades do dia a dia da sociedade (CAJAZEIRA; SOUZA, 2020).

O argumento defendido pelos autores citados acima, revelam a necessidade de compreender como os apresentadores, cinegrafistas, produtores, editores e toda redação foram se adaptando pelos meios para produzir jornalismo.

Mediante ao que já foi discutido neste capítulo, essa pesquisa tem por objetivo principal analisar como um dos principais telejornais locais da cidade de Imperatriz – MA, tem adaptado as produções jornalísticas após o início da pandemia do novo

coronavírus. Para este estudo, escolhemos o telejornal Na hora D da TV Difusora Sul, que começa às 12h30.

Partindo do que foi abordado até aqui, é necessário discutir aspectos sobre o telejornalismo e o processo da produção da notícia, para isso, o capítulo a seguir abordará um breve histórico sobre a história do telejornalismo de maneira geral e local também, com relação ao jornal analisado dentro da pesquisa

### **3.1 Telejornalismo e os processos de produção da notícia**

O telejornalismo é a prática profissional do jornalismo por meio da TV e foi através do jornalista e empresário dono do Diários Associados, grupo de jornais, rádios e revistas, Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Chatô, que a televisão chegou no Brasil (OLIVEIRA, 2020).<sup>7</sup> Para que isso acontecesse, a maioria dos equipamentos vieram dos Estados Unidos da América (EUA), somando um total de 30 toneladas (OLIVEIRA, 2020).

Em meados da década de 1950 a história da comunicação foi revolucionada com a chegada da televisão. Porém, quanto à história do jornalismo e a primeira transmissão da TV há quem possa confundir as datas. O primeiro canal a ser transmitido foi em 18 de setembro de 1950 com a inauguração da TV Tupi, Canal 3 de São Paulo, disponível para pouco mais de 100 televisores da cidade (MELLO, 2009).

Além disso, por meio da TV Tupi, o Brasil se encontrava em quarto lugar no ranking mundial por ter uma programação televisiva diária, seguindo os modelos da Inglaterra, EUA e França (OLIVEIRA, 2020).

Em 19 de setembro de 1950, no dia seguinte, o primeiro telejornal foi transmitido pela TV Tupi, conhecido como “Imagens do Dia”, tendo como apresentador Maurício Loureiro Gama. O jornal não tinha horário específico para acabar, sua transmissão durava até que todos os acontecimentos fossem televisionados. As imagens eram brutas, ou seja, não havia edições (MELLO, 2009).

---

<sup>7</sup> Flávio. Assis. Chateaubriand - O Homem que trouxe a Televisão ao Brasil. Blog Retrô Nostálgico, 04 de outubro de 2018. Disponível em: <https://retronostalgico.blogspot.com/2018/10/assis-chateaubriand-o-homem-que-trouxe.html>

Ademais, os primeiros telejornais se utilizavam da expressão verbal e de recursos visuais parcos<sup>8</sup> como prioridade na programação (REZENDE, 2017).

Nessa primeira fase da implantação da TV no Brasil, os jornais eram derivados dos programas de rádio. Muitas das primeiras locuções através da TV foram realizadas por Oswaldo Luís, uma das vozes mais conhecidas da época por abordar assuntos referentes ao comércio (GARCIA, 2011). Os telejornais tinham um formato que possuía uma linguagem com frases longas, completas e ricas em detalhes. Seguindo o modelo do rádio, na década de 50, o “Repórter Esso” foi o programa de maior sucesso, antes um programa da rádio que entrou ao ar pela primeira vez na televisão brasileira no ano de 1952 (OLIVEIRA, 2020).

Na década de 1960, o número de receptores nas casas brasileiras que possuíam televisão já passava de 200 mil aparelhos. Aos poucos as inovações foram acontecendo, não só em cores, mas na programação e transmissão dos jornais. Uma das primeiras inovações se deu por meio do link, que atualmente levam as imagens em acontecimento real de forma direta, e que possibilitou à TV instantaneidade e mobilidade (GARCIA, 2011).

Em 1962, por exemplo, o “Jornal Vanguarda” Criado por Fernando Barbosa Lima, na TV Excelsior, inovou a programação televisiva do jornal. Seguido da locução por Luís Jatobá e Cid Moreira, um visual de dois bonecos falantes conhecidos como Appe e Borjalo complementavam a programação com os jornalistas responsáveis pela produção e apresentação das crônicas e notícias: Millor Fernandes, João Saldanha, Stanislaw Ponte Preta (REZENDE, 2017).

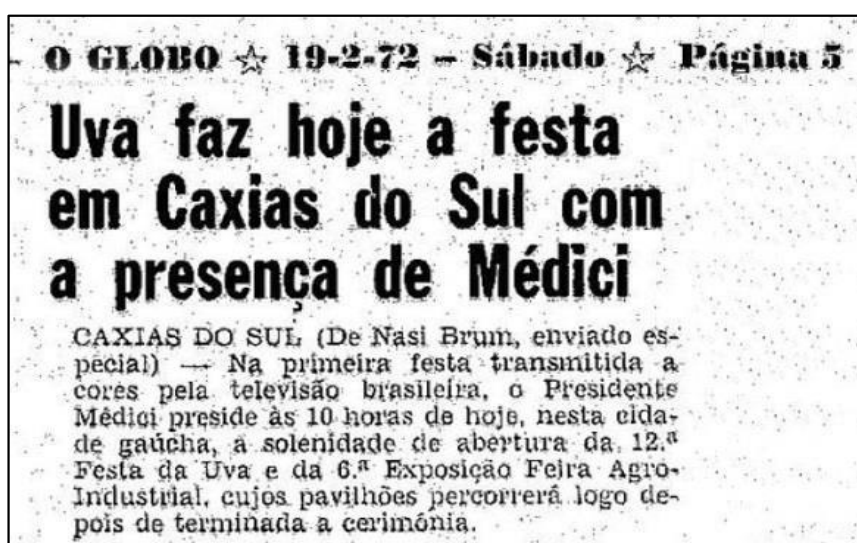
Ainda no início da década de 1960, Garcia (2011) relembra que outra tecnologia que auxiliou no desenvolvimento da TV foi o videotape, mais conhecido como VT – que possibilitava que a gravação de determinado material fosse editado posteriormente, além de sua veiculação trazer diversos modelos de grade de programação e produção publicitária para trabalhar. Este recurso impulsionou as produções das telenovelas, além de viabilizar e explorar o conteúdo jornalístico a ser apresentado de forma horizontal (GARCIA, 2011). No entanto, antes do VT não havia nenhuma possibilidade de guardarem o conteúdo a ser exibido, dessa forma, toda a programação era exibida ao vivo (OLIVEIRA, 2020).

---

<sup>8</sup> Significado de ‘parcos’: Escassos, frugais, inauditos, insuficientes, raros, sóbrios, vasqueiros.

Até então, todas as pessoas acompanhavam o conteúdo das telinhas em preto e branco. Segundo Garcia, (2011, p. 3, APUD CRUZ, 2008, p.) durante a década de 1970, outra inovação surgiu: a TV em cores. O início oficial das transmissões em cores sob o território brasileiro foi realizado no dia 10 de Fevereiro de 1972, em Caxias do Sul – RS, durante a tradicional Festa da Uva de Caxias, cobertura exigida pelo então ministro das comunicações, Hygino Corserti, caxiense. Veja o recorte da matéria:

Figura 1 – Recorte da matéria sobre a primeira transmissão em cores



Fonte: Portal Memória Brasileira (2021)

Apesar do potencial de influência que a TV possuía, somente em 1970, durante o período da Ditadura Militar, no Governo do General Médici, que o estado começou a se preocupar com os conteúdos que eram exibidos (OLIVERA, 2020). Desde então, a TV passou a ser vista como o monumento de poder (GARCIA, 2011). Com as exigências do novo governo, os veículos de comunicação passaram a funcionar sob censura, de 1968 a 1978. Este período agitado e de censura, marcou na TV uma padronização nacional das programações, além de concretizar o conceito de “rede de televisão” (GARCIA, 2011). Esse acontecimento ocorreu devido ao Ato Institucional número 5 (AI-5) que dava liberdade ao Poder Executivo Federal para censurar os veículos de comunicação (OLIVEIRA, 2020).

No fim dos anos setenta as mordças que impediam a imprensa começaram a ser exclusas (REZENDE, 2017). “A anistia política e a efervescência do sindicalismo

eram sinais da política de "distensão" que o governo prometia” (REZENDE, 2017, p.39).

Com isso, a televisão enfrentou uma transição do regime militar para o civil, devido a nova Constituição de 1988 (GARCIA, 2011). “A Constituição traz ainda, no artigo 221, que as emissoras devem procurar a produção de programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, estimulando a produção independente, promovendo a cultura nacional e regional” (GARCIA, 2011, p.8).

Desde então, com o passar dos anos e com o avanço da tecnologia, a TV foi passando por mudanças necessárias para que o telejornalismo chegasse ao que é atualmente, dentro das vertentes de produção e recepção televisiva, desde o formato inicial, quando os textos eram ilustrados por fotografias lidos pelos apresentadores atrás de uma bancada, o que ainda acontece atualmente. “A televisão como é conhecida hoje, com alta definição de imagem e som, links ao vivo entre as 5 regiões do país, com extensa e diversa programação, é resultado de 70 anos de evolução no âmbito da comunicação e das tecnologias, mas em especial dos últimos 20 anos” (OLIVEIRA, 2020, p. 17). Além disso, o avanço tecnológico proporcionou novas formas de apresentarem as notícias, juntando imagens e sons (CAVENAGHI, 2013).

Seguindo a proposta de uma linha do tempo, que não se propôs esgotadora quanto ao assunto abordado até aqui, o tópico a seguir traz um breve histórico sobre as características do telejornalismo local.

### **3.2 O telejornalismo local**

O papel do telejornalismo local se configura em uma identidade particular, isso porque “cada região tem características socioculturais, étnico-raciais, religiosas, econômicas e políticas particulares” (RÊGO; SILVA, 2020, p.2). É através dessa singularidade que o público interage com o jornal. Além disso, há por parte dos jornalistas a credibilidade repassada aos telespectadores, o que traz a aproximação do público para com o jornal, quando o jornalista se materializa narrando os fatos por meio da voz e do corpo nas cenas, um discurso direcionado começa a ser articulado. (PEIXOTO, 2016)

O repórter, responsável por discorrer as matérias é o narrador dos acontecimentos que serão transmitidos. Felipe Peixoto (2016), diz que esse papel só pode ser desempenhado a partir do momento que o repórter veste o personagem de narrador. Enquanto isso e a partir daí, ele constrói e passa credibilidade, não apenas por testemunhar, mas por diversas vezes estar no local do ocorrido, onde consegue legitimamente discorrer sobre os acontecimentos (PEIXOTO, 2016).

Rêgo e Silva (2020) dialogam sobre uma importante potencialidade dentro do jornalismo, quando dizem que o sistema de comunicação brasileiro se torna “melindroso”, no qual os veículos públicos tanto regionais como nacionais sofrem investidas que partem da mídia comercial em parceria com suas filiadas nas 5 regiões do país. A partir daí, é por meio do trabalho da produção regional/local que o sistema público ganha evidência, se tornando importante no processo democrata no que diz respeito à informação na vida das pessoas, além dos obstáculos que os telejornais enfrentam, o que os fazem entender sua importância no noticiário público que ofereçam informação de credibilidade (RÊGO; SILVA, 2020).

O jornalismo local/regional possui uma identidade específica que não é construída por causa apenas das características que cada lugar possui, mas, pelo fato de ser uma filiada de determinada emissora, o que torna discutível a questão da regionalização devido ao sistema de implantação das afiliadas (LACERDA, 2006).

Ademais, essa identidade construída de maneira completa tornando-se única em sua região, só é possível devido à influência que o jornal emana à sociedade, ou seja, além do próprio jornal a sociedade como um todo desenvolve sua identidade também. Isso ocorre segundo o que Coutinho e Martins (2008) dissertam que o caráter do jornalismo local funciona como um forte influenciador da sociedade que eleva ao sentimento de pertencimento do cidadão ao entendimento do seu espaço público.

O jornal ao ser local produz matérias referentes àquela sociedade, às coisas do cotidiano, dentre outros, e dessa forma, os telespectadores se identificam com o que assistem porque a notícia que é televisionada faz parte do dia a dia de sua vida (COUTINHO; MARTINS, 2008).

Para Coutinho e Martins (2008), antes de entender quais os efeitos que existem por trás da formação de identidade por meio do telejornal, é preciso, primordialmente, analisar como ocorre o processo dessa formação. Se a mídia, quando inserida ao

espaço público tem o poder de influenciar a identidade de pertencimento local, os autores concluem que quando as notícias retratam acontecimentos locais à meditação quanto à matéria se torna estreita, pois o lugar onde ela foi televisionada se refere à cidade de onde o telespectador está. Ou seja, no momento em que a sociedade é alcançada pela globalização que traz consigo um universo rico de informações, além da facilidade em acessá-las, a cidade então torna-se o lugar onde o indivíduo se reconhece/constrói para além das transmissões televisivas, o que o torna pertencente a ela (COUTINHO; MARTINS, 2008).

Outra função do telejornalismo local está relacionada ao fato de os jornais promoverem pautas para chamar a atenção do executivo para resolver os problemas da sociedade, que geralmente são assuntos que não se encontram na grande imprensa (DORNELLES, 2008). Com base nisso, a autora destaca que a importância dos jornais locais não parte apenas do princípio de informar, como a maioria das imprensas se caracterizam.

O jornalismo local também possui um discurso que pode surtir efeito na sociedade além de promover o comportamento e posicionamento dos cidadãos (RÊGO; SILVA, 2020). As autoras citam como exemplo a época em que houve eleições no ano de 2018:

O descontentamento com o PT e o discurso anticomunista moveu um dos momentos ápicos da crise política vivenciada no Brasil e repercutiu nas decisões de voto durante a instável eleição de 2018 que elegeu o Jair Bolsonaro como presidente, e atualmente agravada pela situação de pandemia e pelas críticas à condução do Governo Federal nessa crise (RÊGO; SILVA, 2020, p.4)

Com base nesse sentido, é desse discurso que o público compreende a situação do mundo, além de ser orientado em como pensar e agir, principalmente nos momentos de crise (RÊGO; SILVA, 2020). Atualmente, por exemplo, os jornais deixam em alerta o que as pessoas podem fazer para evitar ter contato com o vírus, discorrendo sobre a importância do uso da máscara, do álcool em gel, da prática em lavar as mãos, de manter o distanciamento, dentre outros, para frear a transmissão do vírus da covid-19.



### 3.3 Breve histórico sobre o telejornalismo local do jornal Na Hora D

A TV Difusora integrante do Sistema Difusora de Comunicação, filiado ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), tem como proprietária do veículo a família do ex-senador Edison Lobão filiado ao Movimento Democrático Brasileiro – (MDB). A emissora possui três praças<sup>9</sup>: TV Difusora de São Luís, TV Difusora Sul de Imperatriz e TV Sinal Verde de Caxias (SILVA, 2021).

Por volta de 1963, o primeiro veículo de comunicação televisivo foi instalado no estado do Maranhão: a TV Difusora, pelos irmãos Raimundo Bacelar e Magno Bacelar (SILVA, 2021). A primeira sede da TV foi instalada em 1962, no nono andar de edifício João Goulart, na capital de São Luís, localizado na praça Pedro II no centro da cidade (FIGUEIREDO, 2016).

Durante quatro anos a TV Imperatriz (retransmissora, canal 4) funcionou sob o controle da Prefeitura Municipal. A assistência técnica era de responsabilidade de Francisco Ramos, com colaboração de José Moreira e Oswaldo Nascimento. A emissora passou a pertencer ao grupo Magno Bacelar, proprietário da TV Difusora de São Luís (CARNEIRO, 2010, p.22).

Uma curiosidade sobre a emissora, é que antes de fazer parte do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), ela chegou a fazer parte da Rede Globo, no ano de 1970, na qual era a primeira afiliada do grupo no estado do Maranhão, no entanto, quando a TV Mirante integrou na rede Globo, a TV Difusora deixou sua respectiva casa e passou a fazer parte da rede do SBT, em 1991 (SILVA, 2021).

Sara Silva (2021) também alude que antes de se integrar no Grupo Globo, para completar sua programação televisiva a TV Difusora retransmitia alguns programas que eram produzidos por meio da Rede de Emissoras Independentes e pela Rede Tupi, a estratégia também servia para descentralizar os custos referentes ao material de produção.

A emissora chegou à cidade de Imperatriz no ano de 1981 conhecida como ‘TV Karajás’, que atualmente é a TV Difusora Sul. Na década de 1984 nasceu a TV

---

<sup>9</sup> Essa nomenclatura é utilizada na linguagem jornalística para especificar filiações de uma emissora.

Educativa que tinha como proposta inicial abrir algumas opções de produções para a TV, ela era administrada na época pelo governo municipal de José Ribamar Fiquene. Após quatro décadas e meio a cidade de Imperatriz obteve sua programação local depois que o primeiro sinal de TV havia sido sintonizado, além de alcançar a programação nacional também na TV Difusora Sul - afiliada ao SBT, canal 07 (BRANDÃO, 2013).

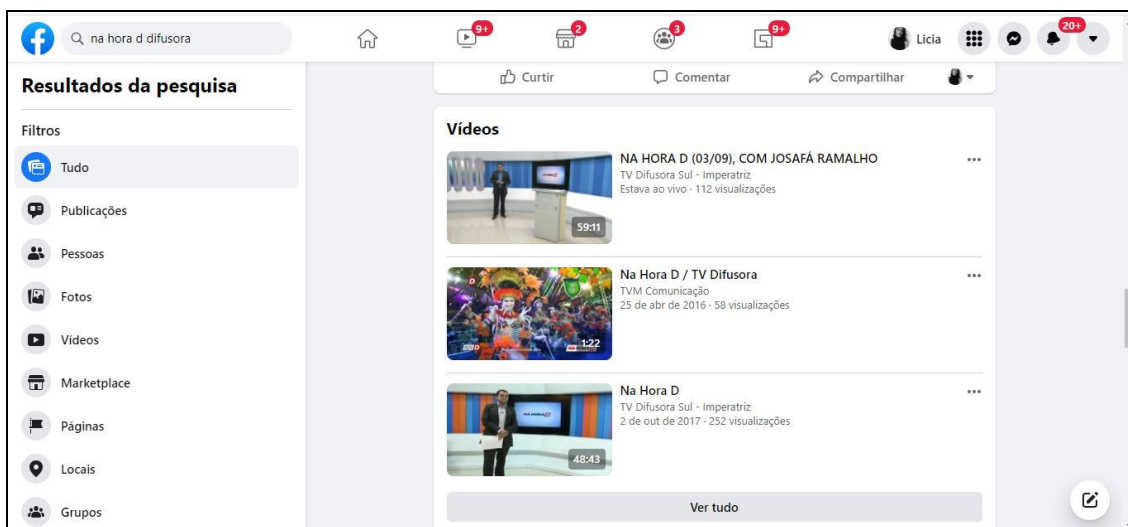
Foi no ano de 1990, quando a Rede Difusora permitiu a extensão do conglomerado de mídia pelo estado que houve então espaço para a criação de filiadadas. O sinal da rede chega a 158 municípios do Maranhão e 16 do estado do Tocantins. A TV Difusora, localizada na capital de São Luís é a cabeça de rede<sup>10</sup> do Sistema Difusora de Comunicação, possuindo a maior produção local e regional com maior área de cobertura, comparada as outras duas filiadadas. Já a TV Difusora Sul, uma das filiadadas da TV Difusora, localiza-se na cidade de Imperatriz, na região Sul do Maranhão. Sua área de cobertura alcança 17 cidades do estado do Maranhão e 16 do Tocantins (SILVA, 2021).

Além disso, a rede Difusora dispõe de formatos diferentes para exibir suas notícias nas redes sociais. As matérias e reportagens do jornal “Na Hora D” são encontradas nas plataformas: Facebook e YouTube. Segundo o apresentador do jornal, Josafá Ramalho, os programas após serem exibidos ficam disponíveis para quem quiser acessar nessas plataformas, como podemos identificar na imagem abaixo:

---

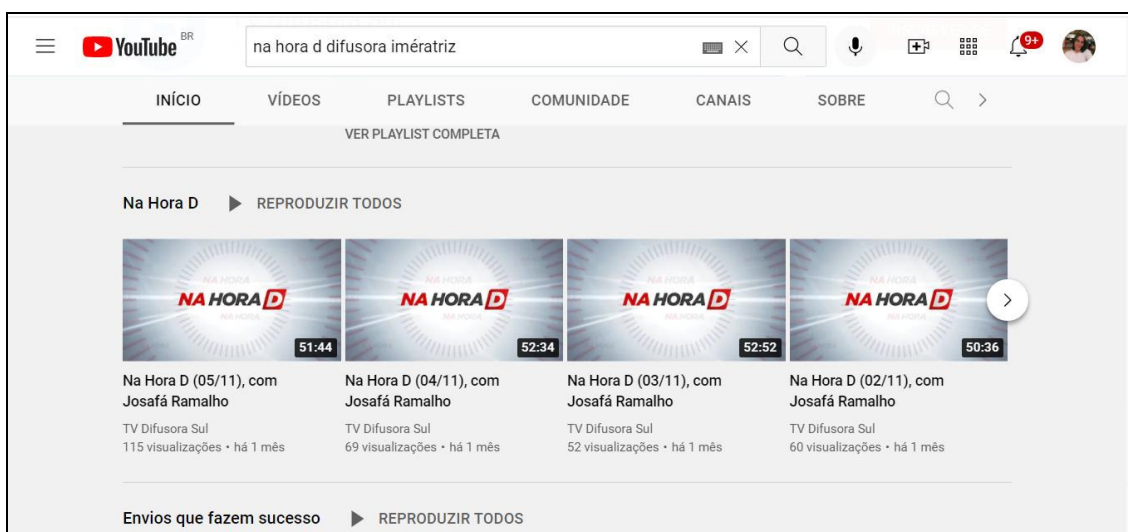
<sup>10</sup> Os jornais considerados “cabeças de rede” recebem notícias de todas as afiliadas do país, além das notícias internacionais.

**Figura 2 - Matérias do Jornal da Difusora (Facebook)**



Fonte: Facebook (2021)

**Figura 3 - Matérias do Jornal da Difusora (Youtube)**



Fonte: YouTube (2021)

Após a instalação da TV Difusora na capital, São Luís, a emissora trouxe uma grande parte da população maranhense ao acesso à informação por meio do audiovisual, com isso, ela percebeu a necessidade de ampliar o sinal e a programação a fim de alcançarem mais pessoas, e isso foi resolvido a partir da criação de “afiliadas”.

Sara Silva (2021) ainda disserta que a TV Difusora passou a transmitir seu sinal por todo o estado somente no ano de 1997, e em 2006 o grupo integrou no sistema TV Difusora Sul, em Imperatriz. A TV também possui uma afiliada ao grupo, a sucursal TV Sinal Verde, que está concessionada na cidade de Caxias.

#### 4. METODOLOGIA

Com base na definição do que será estudado, a pesquisa se desenvolveu sob três abordagens metodológicas: pesquisa exploratória, revisão bibliográfica e análise de conteúdo.

A pesquisa exploratória se mostrou importante para planejarmos a construção/passos da pesquisa dos possíveis caminhos que se aproximariam ao concreto empírico. Martino (2018) diz que a pesquisa exploratória funciona como uma ‘pré-pesquisa’ que tem como ideia central fazer um mapeamento do que será explorado para formar a pesquisa, além de desenvolver as etapas do estudo. A partir daí, decidimos desenvolver a pesquisa analisando os programas do **Jornal Na Hora D - da TV Difusora Sul**, isso, devido à viabilidade de encontrar os programas disponíveis nas redes sociais: YouTube e Facebook.

Foi também por meio da pesquisa exploratória que descobrimos não haver muitos trabalhos teóricos voltados apenas para a emissora Difusora Sul, sobre o telejornalismo de Imperatriz. A partir do levantamento, encontramos apenas quatro trabalhos que tinham a emissora como objeto de estudo: **Silva<sup>11</sup> (2021); Figueiredo<sup>12</sup> (2016); Carneiro<sup>13</sup> (2010) e Brandão<sup>14</sup> (2013)**, mas a TV Difusora Sul não era a única, dos trabalhos citados, todos dividem suas análises com outras emissoras, ou seja, nenhum trabalho foi específico em ter usado apenas a Difusora Sul, o que nos trouxe dificuldade em escrever sobre o histórico da emissora devido ao pouco conteúdo encontrado. Essa dificuldade também pode ser justificada devido o tema sobre pandemia ser novo no ramo das pesquisas, pois muitos estudos ainda estão surgindo.

Em seguida, após termos encontrado o caminho pelo qual a pesquisa iria se desenvolver, o trabalho se debruçou na revisão bibliográfica com os principais temas: **jornalismo regional, pandemia, covid-19, alterações e mudanças no fazer jornalístico**. Este estudo foi importante para nos auxiliar ao centro do que está sendo

---

<sup>11</sup> SILVA, Sarah. Telejornalismo regional no maranhão: rotinas de produção e percepção dos profissionais de comunicação das TV Mirante e TV Difusora. Imperatriz, 2021.

<sup>12</sup> FIGUEIREDO, Marcus Arruda. TV Difusora: a política na história da televisão no estado do Maranhão - 1962 a 1991. Porto Alegre, 2016.

<sup>13</sup> CARNEIRO, Pollyanna. Bom dia Imperatriz: um estudo sobre telejornais matutinos. Imperatriz, 2010.

<sup>14</sup> BRANDÃO, Mônica. Do regional ao nacional: um estudo comparativo entre o Bom Dia Mirante e o Bom Dia Brasil. Imperatriz, 2013.

abordado, a fim de não perdermos o foco de pesquisa. Gil (1997) afirma que um dos principais objetivos da pesquisa bibliográfica é que ela proporciona uma visão melhor do problema a fim de torná-lo mais específico, e até mesmo formular hipóteses. O autor acrescenta que nessa situação a pesquisa bibliográfica pode até assumir um caráter exploratório.

Assim que concluída a primeira e a segunda parte, o terceiro momento se propôs a utilizar a técnica de Análise de Conteúdo, através dela foi possível realizar a exploração do material coletado e fazer a interpretação dos dados para explanar quais as principais mudanças do fazer jornalístico durante a pandemia. Roque Moraes explica a análise de conteúdo como:

[...] método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação (MORAES, 1999, p. 2).

Para Bardin (2016), essa técnica “funciona por operações de desdobramentos do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos.” (BARDIN, 2016, p.153).

Segundo a autora, existe uma ordem cronológica de como se desenvolve a análise de conteúdo: (1) pré-análise; (2) exploração do material; e (3) tratamento dos dados, inferência e interpretação (BARDIN, 2016, p. 123).

Com base nessas definições, Gil (2008) esclarece o passo a passo de como acontece cada etapa da análise de conteúdo, a começar pela **pré-análise**, o autor diz que ela serve para organizar os materiais que irão servir para desenvolver o trabalho, ou seja, é a fase em que o pesquisador tem o contato inicial com os possíveis documentos, é uma ‘leitura flutuante’ como a autor denomina. Feito isso, decide-se então a escolha dos documentos, em seguida à formulação das hipóteses e também à preparação de todo material para a análise.

Na **exploração do material**, Gil (2008) diz que o pesquisador se debruça em um período longo e até mesmo cansativo e tem o objetivo de por em prática todas as

decisões tomadas na pré-análise. Essa parte se refere aos processos da análise: o recorte (o que será analisado), a enumeração (escolha das regras de contagem) e a classificação (qual a categoria).

Por último, Gil (2008) diz que **o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação** que tornam válidos e significativos todos os conteúdos analisados. Aqui, podem ser utilizados gráficos, figuras e até mesmo quadros para disponibilizar as informações obtidas. À medida que se vai descobrindo o que já se pretendia além das novas descobertas ao desenvolver a análise, pode-se chegar a várias generalizações, isso faz com que a técnica de análise de conteúdo seja uma das mais importantes ferramentas para análises de comunicação em massa.

Para a análise, a proposta seguida foi examinar uma semana do jornal ‘Na Hora D’ da plataforma ‘YouTube’ em períodos diferentes: setembro de 2020, abril de 2021 e janeiro de 2022, somando um total de 15 programas, 5 de cada ano (uma semana). Os anos escolhidos têm por objetivo construir um caminho sobre como foram abordadas as mudanças na produção jornalística devido ao protocolo sanitário por causa do vírus. De acordo com esse roteiro, nossa análise se fundamenta em investigar: **a) quais os assuntos mais abordados nos programas; b) quantos blocos do programa estão relacionados à abordagem sobre a covid-19; c) quantas matérias/entrevistas são realizadas durante cada programa, e quantas são realizadas em todos os programas analisados; d) alterações no processo de reportagem; e) entrevistas que acontecem nos estúdios; f) entrevistas que acontecem por via Skype; g) se há mudanças nos diferentes períodos com relação à produção e em atendimento às medidas sanitárias.**

É de suma importância ressaltar que tínhamos escolhido também o ano de 2019 para analisar, este serviria para construir em escala sequencial como eram os programas antes da pandemia, no entanto, segundo a produtora do jornal, Pollyana Galvão, em nenhuma das plataformas digitais os programas do ano de 2019 foram disponibilizados devido à falta de logística interna da emissora, por isso este ano foi descartado da análise. Os diferentes meses analisados, também inferiram quanto à disponibilidade dos programas, por isso optamos por períodos na qual nossa pesquisa iria ter um melhor desempenho.

A partir de setembro de 2020 os veículos de comunicação já haviam passado por diversas mudanças, sendo assim, esse período é de suma importância para a análise, pois retrata como foi sendo a condução do jornal após a adaptação da nova maneira de produzir em atendimento às medidas sanitárias para evitar a disseminação da covid-19.

O mês de abril do ano de 2021 foi escolhido pois nele houve o pico de mortes da covid-19. Mesmo com a segunda onda, os veículos já haviam se adaptado às novas formas de fazer jornalismo, mas obtendo uma melhor estrutura, ou seja, esse recorte foi necessário para mostrar se houve ou não diferenças após o início da pandemia além das já ocorridas, vai servir também para apresentar quanto tempo ou quantas matérias estão relacionadas ao tema ‘covid-19’.

Para finalizar a análise, o ano de 2022 revela a nova variante do vírus na junção de ‘gripe e covid-19’. Aqui, o estudo salienta se o assunto ganhou mais espaço no jornal devido ao ‘surto’.

Foi ainda em meio à pandemia da covid-19 que o ‘surto’ da gripe aconteceu devido à mutação que o vírus influenza A (**H3N2**) sofreu na Austrália (SOBRINHO, 2021). Tendo como sintomas: febre alta, dores nas articulações, nariz congestionado, tosse, inflamação na garganta e fortes dores de cabeça, o vírus atinge principalmente adultos. As formas de se prevenir quanto aos cuidados necessários são os mesmos usados com relação à covid-19, além de medicamentos utilizados para uma gripe comum, a fim de conter os sintomas e eliminar o vírus do corpo (SOBRINHO, 2021).<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> SOBRINHO, Wanderley. Entenda o surto de gripe causado pelo vírus influenza A H3N2. UOL, São Paulo, 16 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/12/16/h3n2-gripe-darwin-nova-variante-vacinacao-sintomas.htm>



## 5. ANÁLISE DOS DADOS

Temos como proposta analisar a maneira que um dos telejornais de Imperatriz – MA: **Na Hora D**, se adaptou às normas sanitárias devido ao protocolo de saúde por causa da covid-19. Para isto, foi analisada uma semana em períodos diferentes nos seguintes recortes: setembro de 2020, abril de 2021 e janeiro de 2022, o que resultou em um total de 15 programas que foram coletados na plataforma YouTube, todos sob apresentação do jornalista Josafá Ramalho.

Os diferentes anos não foram escolhidos apenas porque as edições não estavam todas disponíveis em períodos iguais, mas devido à possibilidade de analisar se houve mudanças com relação a adaptação e aos temas abordados por causa dos picos da doença. O período de setembro de 2020 foi escolhido pois já havia quase um ano desde que a pandemia havia iniciado. Ou seja, já teríamos como analisar de fato como estava a adaptação do processo de produção jornalística, já que no início do ano de 2020, quando a pandemia começou, as adaptações ainda não estavam concretas, pois os veículos tiveram que realizar muitas mudanças nos primeiros meses, por conta da própria incerteza e desconhecimento frente ao vírus. Abril de 2021 foi o mês em que houve mais mortes no Brasil, dessa forma este período foi importante para analisarmos as mudanças que aconteceram, se teve demanda maior de mudanças ou se continuava da mesma maneira mesmo frente a uma nova situação que exigia maiores cuidados sanitários. E o último recorte, janeiro de 2022, foi quando o vírus influenza **A (H3N2)** sofreu mutação e passou a afetar a população em conjunto com o coronavírus, ou seja, o início do ano foi importante para revelarmos a maneira como o tema foi abordado no jornal, por causa do “surto da gripe” causado em meio há um momento tão delicado da pandemia da covid-19, ou seja, houve uma maior tensão desses acontecimentos no mesmo período.

Os **15** programas analisados somam um total de **121** Reportagens, Notas Cobertas e Ao vivo, distribuídos em diferentes temas, o que vai ser abordado de forma mais clara adiante. Além disso, é importante destacar que o jornal **Na Hora D** não

possui assuntos voltados somente para a cidade de Imperatriz, **5** matérias foram destinadas aos assuntos voltados à capital São Luís e **1** de Presidente Dutra<sup>16</sup>.

Veja na tabela a seguir como acontece a divisão das: **1-** reportagem, **2-** nota coberta e **3-** ao vivo, na qual acontece no local referente ao assunto, seja no estúdio ou fora dele.

O jornal é dividido entre os seguintes conteúdos noticiosos: Reportagem, Nota Coberta e Ao vivo; propagandas e intervalos. Para isso, fizemos uma tabela para esclarecer melhor sobre a quantidade de elementos de acordo com suas respectivas divisões, como já citado acima, com relação ao período analisado (setembro 2020, abril 2021 e janeiro 2022), veja seguir:

**Tabela 2 – Quantidade de elementos que compõem o jornal**

Reportagem, Nota Coberta e Ao vivo	121
Propagandas	85
Intervalos	39

Fonte: Elaborada pela autora

No espaço **Reportagem (1)**, **Nota Coberta (2)** e **Ao vivo (3)** elas acontecem das seguintes formas: **1-** nas matérias gravadas, na qual o apresentador fala sobre o assunto e logo em seguida acontece a exibição com imagens, sonoras e entrevistas; **2-** nas reportagens lidas pelo apresentador com as imagens no televisor do estúdio, ou até mesmo pelo próprio repórter (sem imagens).

**3-** Há as que são ao vivo, quando o apresentador lê a cabeça da matéria e o repórter da continuidade com a sonora, entrevistados e imagens. E há também as que acontecem em estúdio.

As **propagandas** são definidas em três formas: **1-** Gravadas; **2-** Em estúdio (quando o repórter apresenta); **3-** Ao vivo (tanto em estúdio, como no local referente a propaganda (Exemplo: se a propaganda é sobre ‘Ofertas especiais no Mateus Supermercado’, a propagando acontece no supermercado). Por fim, os **intervalos** - momento de pausa para os anúncios comerciais da emissora - estes, percebe-se que

<sup>16</sup> **São Luís** é a capital do Maranhão. **Presidente Dutra** é uma cidade do estado do Maranhão que tem uma distância de 406 km de Imperatriz.

não há uma regra em relação à quantidade exata de reportagens exibidas para que o jornal faça o intervalo, isso porque devido ao que foi analisado, as matérias demandam tempos diferentes por causa de seus tamanhos, algumas maiores e outras menores. Porém, foi possível perceber durante os **121** corpus analisados, que na maioria das vezes quando o jornal volta do intervalo uma ou duas propagandas são exibidas.

### 5.1 Assuntos mais abordados nos programas

Mesmo em diferentes períodos, os jornais possuem temas comuns. Os assuntos mais abordados no período analisado em 2020, 2021 e 2022, referem-se à **segurança, saúde, cunho social e infraestrutura**. Os demais temas estão relacionados a **meio ambiente, cidade, esporte, política, mercado, trânsito, educação e religião**, como mostra a tabela abaixo:

**Tabela 3- Editoria do Jornal na Hora D**

<b>Editoria</b>	<b>Frequência</b>
Segurança	29
Saúde	24
Cunho Social	13
Infraestrutura	12
Meio Ambiente	9
Cidade	8
Esporte	8
Política	7
Mercado	6
Trânsito	3
Religião	1
Educação	1
<b>TOTAL</b>	<b>121</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Com base na **tabela 3** é possível observar que os temas mais abordados estão entre segurança e saúde, somando um total de 5 a mais de diferença para segurança. O tema **segurança**, além de abordar questões de segurança voltadas ao policiamento da cidade também está relacionado a casos de assalto, assassinato e atropelamento. A maioria das reportagens sobre **saúde** estão relacionadas à covid-19 com temas voltados à vacinação tanto da covid para professores, indígenas, e demais setores da população, como para outras doenças, como febre aftosa, gripe, além de matérias sobre a reinfeção do vírus e aumento dos casos de infectados. O tema saúde também se associa a outras questões como saúde mental e de forma geral, que seriam sobre doação de sangue, falta do uso de máscara, estresse devido à pandemia, dentre outros.

Já as reportagens de **cunho social** se referem a ações, programas e campanhas sobre saúde mental, setembro amarelo, janeiro branco, doação de cestas básicas, dentre outros. Essa editoria engloba saúde mental assim como na de **saúde**, no entanto, elas diferem porque nas que classificamos como **cunho social** são tratadas questões que beneficiam a população como trabalho comunitário.

Assuntos sobre **infraestrutura** exibiram questões voltadas à falta de infraestrutura na cidade, especialmente na análise de janeiro de 2022, na qual o destaque foi para as fortes chuvas que atingiram Imperatriz provocando alagamentos. O tema **meio ambiente** esteve relacionado às matérias sobre queimadas, o nível do rio Tocantins, previsão do tempo e alagamentos. Cidade e esporte andam lado a lado com a mesma quantidade de matérias exibidas, o tema sobre **cidade** aborda questões do dia a dia como: Mudança nas datas de feriado, Policiais participam de uma operação em Presidente Dutra, Aumento no preço da gasolina, dentre outros. Já em **esporte** as reportagens estão voltadas somente para o time da cidade de Imperatriz: ‘Cavalo de Aço’.

Com apenas sete matérias, **política** abordou as eleições de 2020, no qual o jornal trouxe boletins sobre a agenda dos candidatos e reportagens com os respectivos concorrentes. O assunto sobre **mercado** trouxe informações sobre como está mercado de trabalho na cidade de Imperatriz. O tema sobre **trânsito** abordou questões sobre os acidentes nas vias além do controle de tráfego. Uma matéria relacionada à **religião**

abordou a participação de um vidente que foi convidado a consultar os deuses para saber sobre os rumos da presidência do Brasil no ano de 2022, além de outras questões.

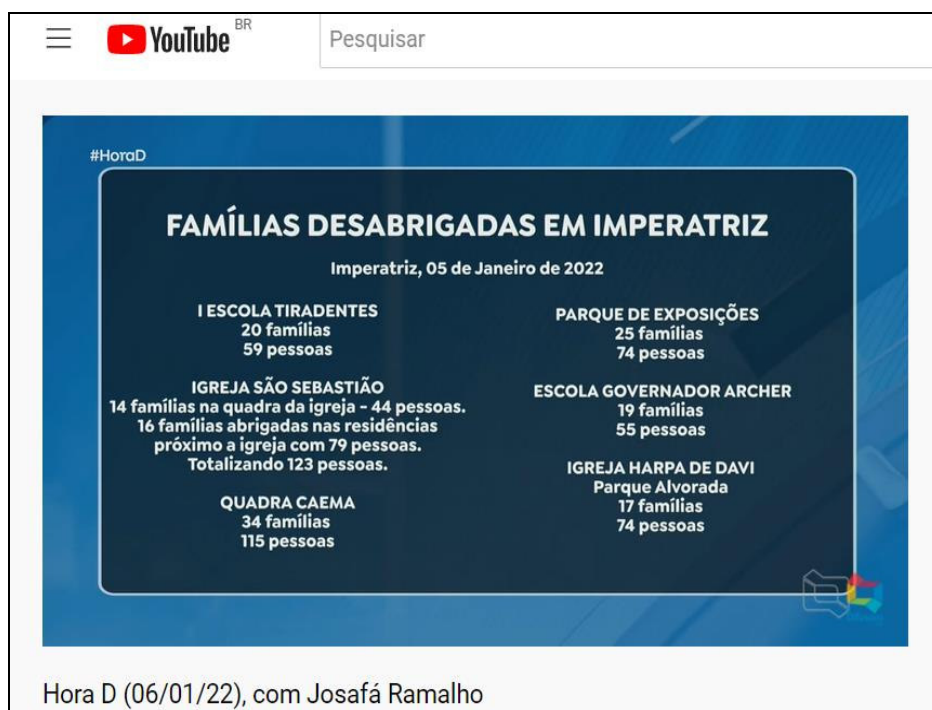
Por fim, o tema sobre **educação** trouxe apenas uma matéria voltada às inscrições para o mestrado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

É importante ressaltar que há temas que mais se destacaram em cada recorte.

Em setembro de 2020, por exemplo, um dos assuntos mais abordados durante o jornal foram as ‘Eleições 2020’ referentes ao pleito de prefeitos e vereadores. Em abril de 2021, os temas mais destacados eram sobre saúde de maneira geral. Em particular, o assunto sobre chuvas foi abordado de maneira intensa apenas no período de janeiro de 2022 devido as fortes chuvas que atingiram a cidade, e também sobre a virose da H3N2.

Para reforçar as matérias sobre as chuvas, em janeiro de 2022, o jornal passou a exibir boletins sobre a situação das famílias que tiveram suas casas atingidas pelas enchentes, como se pode perceber na figura abaixo:

**Figura 4 – Boletim dos atingidos pelas enchentes (Jornal do dia 06/01/22)**



Fonte: Youtube (2022)

Os dados são provenientes da Defesa Civil. É importante relatar que os boletins não são considerados como algum tipo de material coletado de cada edição do

jornal, segundo a forma que classificamos acima (reportagem, nota coberta e ao vivo), eles aparecem durante a exibição do jornal apenas para informar os telespectadores sobre, trata-se apenas de uma cartela lida pelo apresentador.

## 5.2 Reportagens sobre a covid-19

Somando um total de **24** reportagens, dentre elas notas cobertas e ao vivo, ou seja, 24 vezes o espaço do jornal foi destinado a questões sobre saúde de forma geral. Porém, destas, **15** abordaram questões somente sobre a covid-19. Na semana de setembro de 2020 algumas reportagens ganharam destaque, como por exemplo: **1.** a possível reinfecção da covid-19; **2.** vacinação dos professores e indígenas; **3.** aumento dos infectados e contratação de equipe para atuar na linha de frente contra a covid-19.

Outro destaque relevante quanto ao vírus, é que em setembro de 2020 para abril de 2021, o número de óbitos disparou em mais de 50%. No dia 29/09/2020, por exemplo, o boletim somava 142.161 óbitos nacionais, já em 22/04/2021, que foi o mês que registrou um significativo aumento no número de mortes, havia um total de 384.475 óbitos no Brasil.

Em janeiro de 2022, o assunto que teve destaque em relação à saúde esteve voltado à nova variante do vírus da gripe **A (H3N2)**. Porém, dos **121 materiais analisados, 39 são da semana de janeiro**, destes, apenas uma matéria esteve relacionada à virose da gripe, como esta matéria aborda sobre saúde, as demais (38) estão nas outras editorias já citadas na **tabela 3**. Além disso, foi possível observar que nenhum boletim sobre a covid-19 foi exibido na semana de janeiro.

Este último período da análise foi um momento difícil para a cidade de Imperatriz, no que se referiu à produção de matérias e também para as pessoas que tiveram suas casas atingidas pelas chuvas. Segundo uma matéria do jornal O Imparcial<sup>17</sup> do mês de janeiro, 7 cidades se encontraram em estado de emergência devido os grandes estragos causados pelas enchentes: Mirador, Grajaú, Jatobá, Paraibano, Formosa da Serra Negra, Barra do Corda e Imperatriz (CUNHA, 2022). A cidade de Imperatriz se encontrou entre elas, o nível do Rio Tocantins ultrapassou a

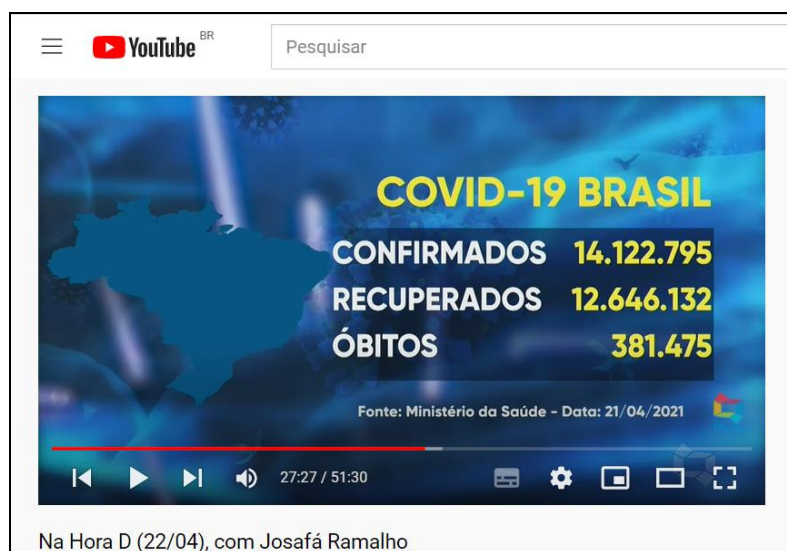
---

<sup>17</sup> CUNHA, Patrícia. 7 cidades maranhenses seguem es estado de emergência. O Imparcial, São Paulo, 12 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2022/01/chuvas-7-cidades-maranhenses-seguem-em-estado-de-emergencia/>

marca de 9 metros neste período, e deixou 244 famílias desabrigadas ou desalojadas na região do Cais do Porto. Por essa razão, o último período abriu espaço para priorizar matérias deste cunho (CUNHA, 2022).

Além das matérias, na semana de setembro de 2020 e abril de 2021, o jornal destinou um bloco especial para a exibição de um boletim com dados **nacionais (Brasil)**, **estaduais (Maranhão)** e **regionais (Imperatriz)** sobre a covid-19 com as seguintes informações: confirmados, recuperados e óbitos. Conforme pode ser identificado a seguir:

**Figura 5 – Boletim Nacional sobre a Covid-19 (Jornal do dia 22/04/21)**



Fonte: Youtube (2022)

**Figura 6 – Boletim Estadual sobre a Covid-19 (Jornal do dia 22/04/21)**



Fonte: YouTube (2022)

**Figura 7 – Boletim Regional sobre a Covid-19 (Jornal do dia 22/04/21)**



Fonte: YouTube (2022)

Foram **11** o total de boletins sobre a covid-19 em setembro de 2020 e abril de 2021. Vale ressaltar que o número de boletins não está sendo considerado como reportagem/matéria, eles são apenas informações disponibilizadas pelo apresentador durante o jornal com base no levantamento do Ministério da Saúde.



### 5.3 Quantidade de reportagens total e por programa

Não existe nenhuma regra no telejornalismo que exija das redações a padronização do tamanho das reportagens, sendo assim, há uma grande diferença entre a quantidade de cada matéria nas diferentes edições do jornal **Na Hora D**. As tabelas a seguir trazem um panorama de quantas matérias foram disponibilizadas em cada dia analisado e na semana completa de cada recorte.

**Tabela 4 – Quantidade de reportagens por edição do jornal (Setembro - 2020)**

<b>Datas</b>	<b>Total de reportagens</b>
29/09/2020	9
24/09/2020	6
25/09/2020	10
28/09/2020	9
29/09/2020	9
<b>TOTAL</b>	<b>43</b>

Fonte: Elaborada pela autora

**Tabela 5 – Quantidade de reportagens por edição do jornal (Abril - 2021)**

<b>Datas</b>	<b>Total de reportagens</b>
19/04/2021	8
20/04/2021	6
21/04/2021	10
22/04/2021	7
23/04/2021	8
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>

Fonte: Elaborada pela autora

**Tabela 6 – Quantidade de reportagens por edição do jornal (Janeiro - 2022)**

<b>Datas</b>	<b>Total de reportagens</b>
03/01/2022	3
04/01/2022	10
05/01/2022	9
06/01/2022	8
12/01/2022	9
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Em geral, a quantidade não varia muito como pode ser observado nas **tabelas 4, 5 e 6**. A diferença mais evidente está na **tabela 6**, no dia 03/01/2022, data em que foi exibido o primeiro telejornal do **Na Hora D** no ano de 2022, no qual apenas 3 matérias cobriram o tempo do jornal. Isso se deu devido aos acontecimentos relacionados às fortes chuvas que atingiram a cidade de Imperatriz. Nesta edição, 58 minutos do jornal foram destinados para relatar sobre as condições das famílias atingidas pelas enchentes e sobre como essas famílias receberam abrigo, além de abordar as situações das ruas, o nível do rio Tocantins e a previsão do tempo para os próximos dias.

Observe nas figuras a seguir dois exemplos da reportagem que teve maior tempo na primeira edição de 2022 sobre as fortes chuvas em Imperatriz:

**Figura 8 – Alagamento causado devido as fortes chuvas**



Fonte: YouTube (2022)

**Figura 9 – Entrevista realizada com morador sobre os alagamentos**



Fonte: YouTube (2022)

Como visto na figura 7, as ruas ficaram quase que impossibilitadas para o tráfego. Na segunda figura, 8, um entrevistado é abordado pelo repórter na porta de casa, e como pode ser observado, a fonte não utiliza máscara. Mas é possível identificar a prática de distanciamento social e o uso de máscara por parte do repórter.

O que há em comum com relação à quantidade de blocos é que nas **tabelas 5 e 6** a quantidade é a mesma, com 39. O total das três tabelas resulta em 121 reportagens (blocos) analisados.

#### **5.4 Possíveis alterações no processo de produção da reportagem**

Desde que o vírus foi detectado, medidas preventivas foram tomadas em todas as áreas de serviço. Ao se tratar de uma redação jornalística, na qual são muitos os profissionais que a compõem para que o telejornal seja produzido e chegue até a residência do telespectador, não foi diferente. Além de reduzirem a quantidade dos trabalhadores, as redações tiveram também que se adaptar às novas formas de produzir para cumprirem com o regulamento do protocolo sanitário do Ministério da saúde, a fim de que o vírus não proliferasse, evitando assim as aglomerações. Dentre essas medidas, as mais exigidas quanto aos cuidados pessoais foram e ainda são o uso da máscara, tanto em ambientes de trabalho e principalmente ao sair de casa; higienizar as mãos com álcool em gel, este tendo no mínimo fator 70%, e manter o distanciamento social no espaço recomendado de 1,5m (um metro e meio).

Os repórteres tiveram que se utilizar de máscaras ao fazerem as entrevistas, manter o distanciamento social e quanto ao uso do microfone, há uma regra quase inviolável no jornalismo que diz que o uso do microfone não deve ser compartilhado com o entrevistado em nenhuma situação (OLIVEIRA, 2020). Porém, com a pandemia, os repórteres tiveram que se adaptar a essas circunstâncias.

Mediante a análise, observamos que de todas as entrevistas, na maioria das vezes o **repórter era responsável por segurar o microfone** e manter distanciamento da fonte.

A distância entre repórter e fonte pode ser observada por meio das entrevistas quando na maioria das vezes a fonte ocupa todo enquadramento da câmera. É possível

ver apenas os dedos do repórter ao segurar o microfone. Veja um exemplo na figura a seguir:

**Figura 10 – Momento durante a entrevista na qual o repórter segura o microfone**



Fonte: YouTube (2022)

Além dessa forma de conduzir a entrevista, outras opções alternativas comuns aceitáveis do telejornalismo foram usadas a fim de que o entrevistado não segurasse o microfone, que são: **o uso do pedestal** - no qual nem o repórter nem a fonte tem contato com o microfone; **entrevista coletiva** - outra opção usada, no qual vários microfones são colocados à frente de quem vai dar a entrevista o que mantém as mãos sem contato com o microfone; e o uso do **microfone de lapela** que foi bastante utilizado, porém, apenas nas entrevistas realizadas em estúdio, geralmente usado com o intuito de captar melhor o som. No que se refere à quebra desta regra, a pesquisa constatou que de todas as edições analisadas, na minoria delas o **entrevistado é quem segura o microfone**, como pode ser visto na tabela abaixo, duas vezes a fonte tem posse do microfone e ambas utilizam máscara durante as entrevistas que aconteceram em ambiente externo.

Com bases nessas cinco formas utilizadas durante as reportagens analisadas para cumprirem com um dos protocolos sanitários (distanciamento social) além de ser regra jornalística, a tabela a seguir esclarece quanto ao uso do microfone.

**Tabela 7 – Quantidade quanto à posse do microfone**

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade</b>
Repórter	83
Microfone de Lapela	19
Uso do pedestal	1
Entrevista Coletiva	1
Entrevistado	2
<b>TOTAL</b>	<b>106</b>

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com a **tabela 7**, observa-se com clareza que o repórter é quem tem posse do microfone na maioria das reportagens. Em segundo lugar, o uso do microfone de lapela, utilizado durante as entrevistas em estúdio. Quanto ao uso do pedestal e da entrevista coletiva, somente uma vez cada um foi utilizado em reportagens. Por fim, em apenas duas vezes a regra quanto à posse do microfone pela fonte foi quebrada. Na primeira vez foi identificado quando o material informativo abordava sobre o relaxamento quanto aos cuidados para com a covi-19, encontrada no terceiro dia de análise da semana de setembro de 2020, a fonte oficial, Maurício Casanova, médico, utilizava máscara e se encontrava em ambiente externo, ao ar livre. Veja:

**Figura 11 – Primeiro momento em que o entrevistado tem posse do microfone**



Fonte: Youtube (2020)

O segundo momento foi quando o entrevistado, como fonte oficial em ambiente aberto, Josiano Galvão, Supervisor da Defesa Civil de Imperatriz, abordava sobre o aumento do nível do Rio Tocantins, conforme se pode observar na imagem abaixo:

**Figura 12 – Segundo momento em que o entrevistado tem posse do microfone**



Fonte: Youtube (2021)

Nota-se que ao somarmos todas as categorias acima, o total não se iguala a quantidade de matérias como totalizado anteriormente na **tabela 3**, que destaca o total de **121** reportagens produzidas durante os 15 programas analisados aqui. Isso acontece porque dos **121** materiais coletados, **15** foram lidas pelo apresentador Josafá Ramalho em estúdio. Este, por sua vez, também se utilizou do microfone de lapela, portanto, não foi constado na tabela acima porque o apresentador não condiz com as categorias da **tabela 7**, pois ela trata apenas sobre o uso do microfone durante as reportagens entre repórter e fonte.

No tocante ao uso da máscara, foi possível observar que essa medida de segurança foi colocada em prática durante as entrevistas por parte dos repórteres, e como afirma Silva e Matos (2020), o uso de máscara por parte dos repórteres seja dentro do estúdio, em locais abertos ou fechados, ressaltam a importância de dar ênfase a uma prática habitual que passa a fazer parte do dia a dia da sociedade, pois são necessárias como protocolo sanitário.

Somente em **3** matérias o repórter não se utilizou da máscara (1 ao vivo e 2 gravadas), estando o repórter em ambiente externo, ou seja, fora do estúdio, como pode ser visto em um exemplo abaixo, na antepenúltima reportagem analisada da



semana de 2022, que aconteceu em São Luís, quando o repórter em ambiente externo não se utiliza da máscara ao conversar com a fonte:

**Figura 13 – Momento em que o repórter não utiliza máscara durante entrevista**



Fonte: YouTube (2022)

Já em relação às fontes, nem todas utilizavam a máscara. Um total de **24** entrevistados durante todos os materiais (reportagens gravadas, estúdio, ao vivo) não usavam máscara, havendo o distanciamento social.

No caso das entrevistas realizadas em estúdio, **11** fontes não utilizaram a máscara, mas mantiveram o distanciamento social entre o apresentador. Vale ressaltar que o apresentador em nenhuma edição do jornal utilizou a máscara dentro do estúdio de gravação. Isso acontece porque ele permanece sozinho no enquadramento da câmera dentro do estúdio em todo o programa. Só há divisão de enquadramento quando há entrevistas em estúdio. Outrossim, concluímos que o apresentador apareceu em uma matéria fora do estúdio apenas uma vez, na reportagem sobre as fortes chuvas em Imperatriz em janeiro de 2022, esta por sua vez, como se deu fora do estúdio, foi possível identificar o uso de máscara. A figura a seguir mostra os dois exemplos durante uma entrevista em estúdio em que a fonte não usa máscara, mas há o distanciamento social, tal como não há proteção facial por parte do apresentador:

**Figura 14 – Momento na entrevista em estúdio que há distanciamento, mas não há o uso de máscara**



Fonte: YouTube (2022)

Nas entrevistas por vídeo, apenas 7 pessoas não usaram máscara de proteção, isso ocorreu porque as entrevistas enviadas por vídeos geralmente se dão no local de onde a fonte se encontra, alguns em casa, no ambiente de trabalho, dentre outros. Em alguns casos, possivelmente haveria a obrigatoriedade do uso, como por exemplo, no ambiente de trabalho.

### 5.5 Entrevistas que acontecem nos estúdios

As entrevistas realizadas em estúdio são as mais demoradas ultrapassando mais de cinco minutos, podendo chegar a dez minutos ou mais, elas são constantes desde o início da análise, e se tornam mais recorrentes no último recorte, janeiro de 2022. Dos 15 programas analisados foi possível observar que em todas as edições sempre há entrevistas no estúdio, somando um total de 19, isto, devido alguns programas terem duas entrevistas em estúdio no mesmo dia. Apenas no dia 04/01/2022, o jornal teve 3 entrevistas em estúdio.

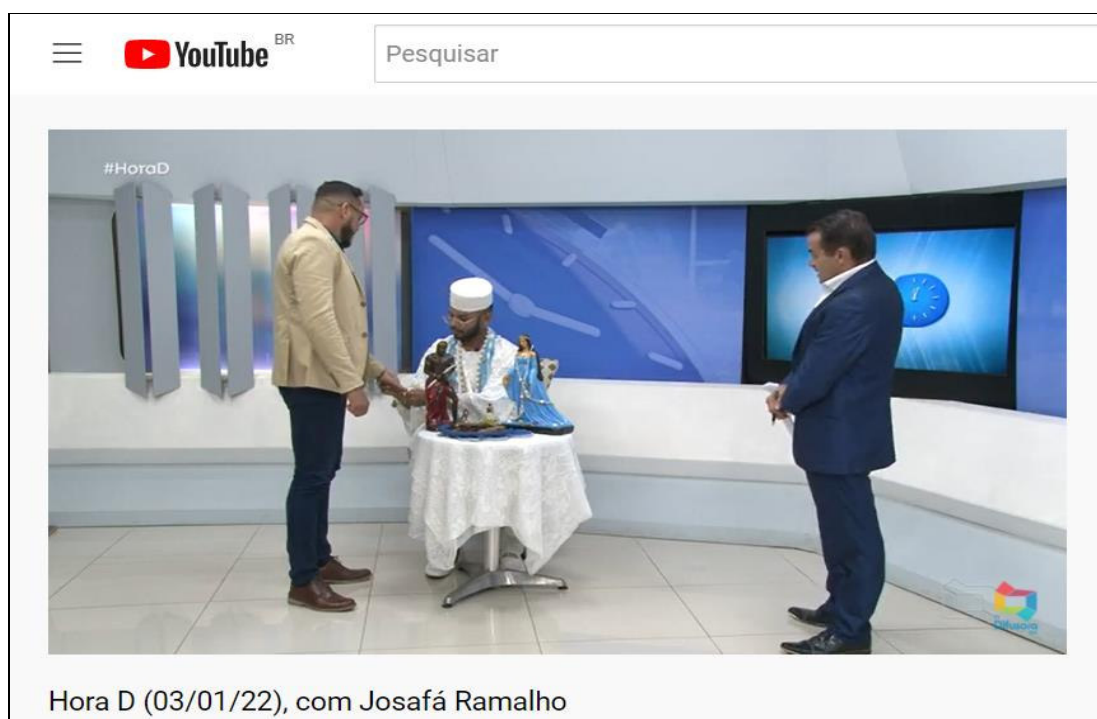
Quanto à adaptação com base nos protocolos sanitários, observamos que o que perdura entre entrevistados e apresentador é o **distanciamento social**. Como já

mencionado no tópico acima, não são todos os entrevistados que usam a máscara, o apresentador por sua vez também não a utiliza.

Durante a análise, percebemos que no dia 03/01/2022, o primeiro jornal do ano, na última entrevista da edição no qual o entrevistado foi ao estúdio, houve uma quebra quanto ao distanciamento social e ao uso da máscara. A fonte é um vidente que por pedido do apresentador consulta os deuses para saber sobre como será o ano de 2022, qual a previsão para a nova presidência da República, dentre outras questões.

Ao final do programa o apresentador pede para que o vidente ‘leia’ a mão de um dos repórteres da emissora. Neste momento nenhum dos dois utilizam máscara e não há o distanciamento social correto conforme determina o Ministério da Saúde. Além disso, o entrevistado segura a mão do repórter sem o uso de luvas ou algum tipo de proteção. Veja a seguir:

**Figura 15 – Momento durante a entrevista no qual não há medidas preventivas**



Fonte: YouTube (2022)

Outra situação parecida com a citada anteriormente aconteceu em uma reportagem nas ruas de Imperatriz, na antepenúltima edição analisada desta pesquisa, dia 05/01/2022. O repórter entrevista três pessoas e além da aglomeração da

população em volta, os entrevistados estão com pouco distanciamento entre si, porém tanto as fontes como o repórter utilizam máscara, conforme podemos identificar na figura abaixo:

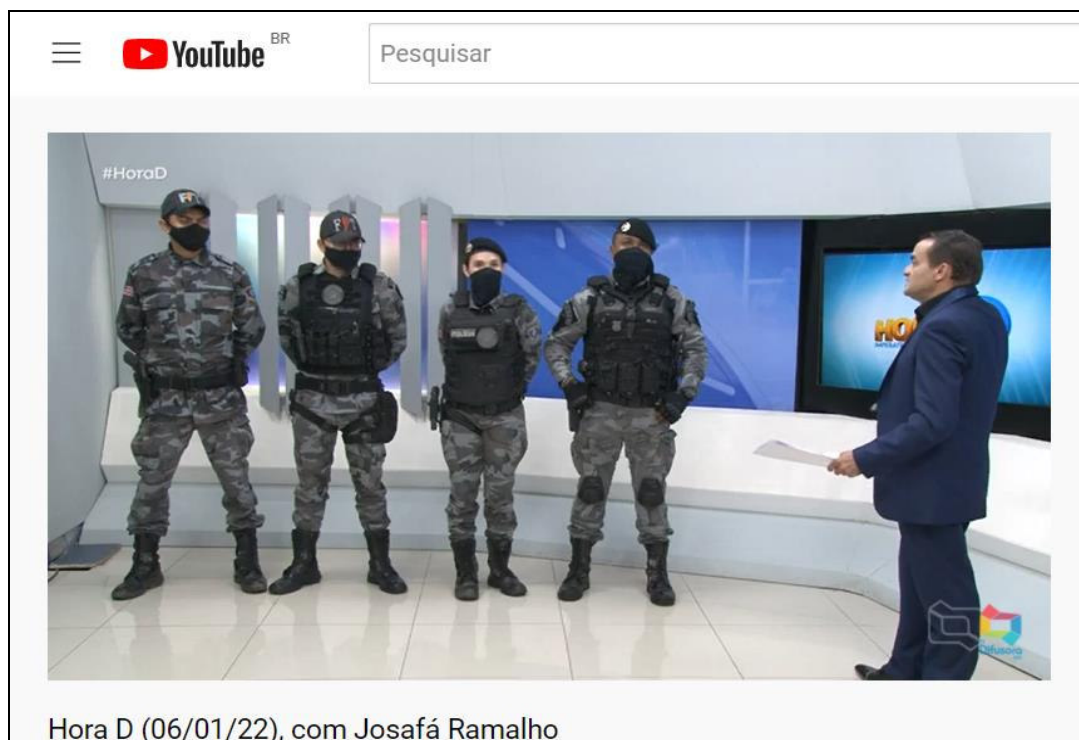
**Figura 16 – Momento durante a entrevista no qual não há distanciamento entre os entrevistados**



Fonte: YouTube (2022)

Além destes episódios, percebemos que em outra entrevista, dia 06/01/2022, quatro policiais participam do jornal concedendo entrevista em estúdio. Entre eles não há distanciamento, somente entre o apresentador e os respectivos policiais, porém, todos PMs usam a proteção facial.

**Figura 17 – Momento durante a entrevista no qual não há distanciamento entre os entrevistados**



Fonte: Youtube (2022)

Concluimos que somente nessas três edições do jornal, dias 03/01/2022, 05/01/2022 e 06/01/2022, há a quebra de protocolo por parte dos entrevistados no que se refere ao distanciamento e ao uso de máscara mencionado apenas na **imagem 7**. Percebe-se também que nem na **imagem 7** e na **imagem 8** os entrevistados utilizam microfone em mãos, isto porque como foi dito anteriormente, em todas as entrevistas no estúdio as fontes utilizam o microfone de lapela.

Além disso, é possível observar que durante todos os programas o apresentador Josafá Ramalho não se dirige às fontes para cumprimentá-las de perto, ele sempre mantém distanciamento social com os entrevistados.

Cajazeira e Souza (2020) relatam que apesar desse acontecimento inesperado, a pandemia, o jornalismo segue com seus fundamentos inalterados, sendo alguns deles a objetividade, o compromisso com a verdade e a prestação de serviços, a questão é que a realidade profissional no tocante à produção de reportagens precisou se adaptar a alguns protocolos de segurança desde o início da pandemia, em 2020, o que pode ser observado nesta análise.

## 5.6 Entrevistas que acontecem por via Skype

Inicialmente, é importante entender a diferença entre entrevista ao vivo, por Skype e por vídeo. Mediante a análise classificamos entrevistas ao vivo aquelas que são realizadas no exato momento em que o jornal acontece, exemplo disso é quando o apresentador apenas traz uma breve informação sobre a matéria que vai entrar ao ar, após isso ele chama o repórter que é visualizado pelo visor disponível no estúdio.

Entrevistas por Skype também são ao vivo, porém a diferença é que raramente o repórter aparece, e sim, apenas o entrevistado que tem a sua participação durante o jornal de forma digital, mediada por plataformas de videoconferência.

Por fim, as entrevistas por vídeo gravadas, nelas não há possibilidade de serem ao vivo, muitos menos com a presença de algum repórter, isso acontece pois os vídeos são gravados pelas fontes em aplicativos de celular e encaminhadas para a produção do jornal, na qual será editado e exibido, prática que se tornou muito comum no telejornalismo desde o começo da pandemia da covid-19.

Já supracitado sobre as diferenças entre as entrevistas, observamos que das 121 Reportagens, Notas Cobertas e Ao Vivo, apenas **uma** vez, logo no início da análise, a entrevista se deu por meio da plataforma Skype, na qual uma mãe pedia ajuda pelo filho desaparecido de acordo com a matéria exibida com imagens e lida pelo apresentador. Conforme destacado na figura abaixo:



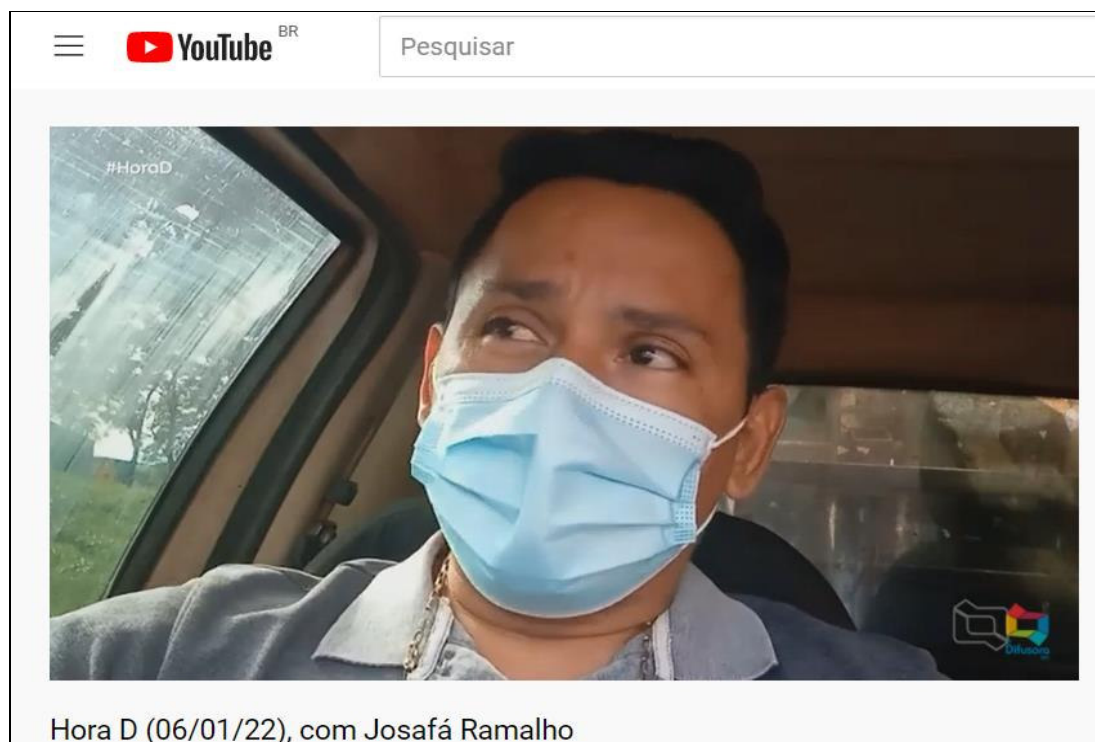
Figura 18 – Momento durante a entrevista ao vivo por via Skype



Fonte: YouTube (2022)

Com relação às entrevistas gravadas, ou seja, por vídeo, constatamos um total de **11**. Essas entrevistas, por sua vez, como já supracitado, são exibidas após uma breve introdução do apresentador. Veja um exemplo na imagem a seguir:

**Figura 19 – Momento durante a entrevista por vídeo**

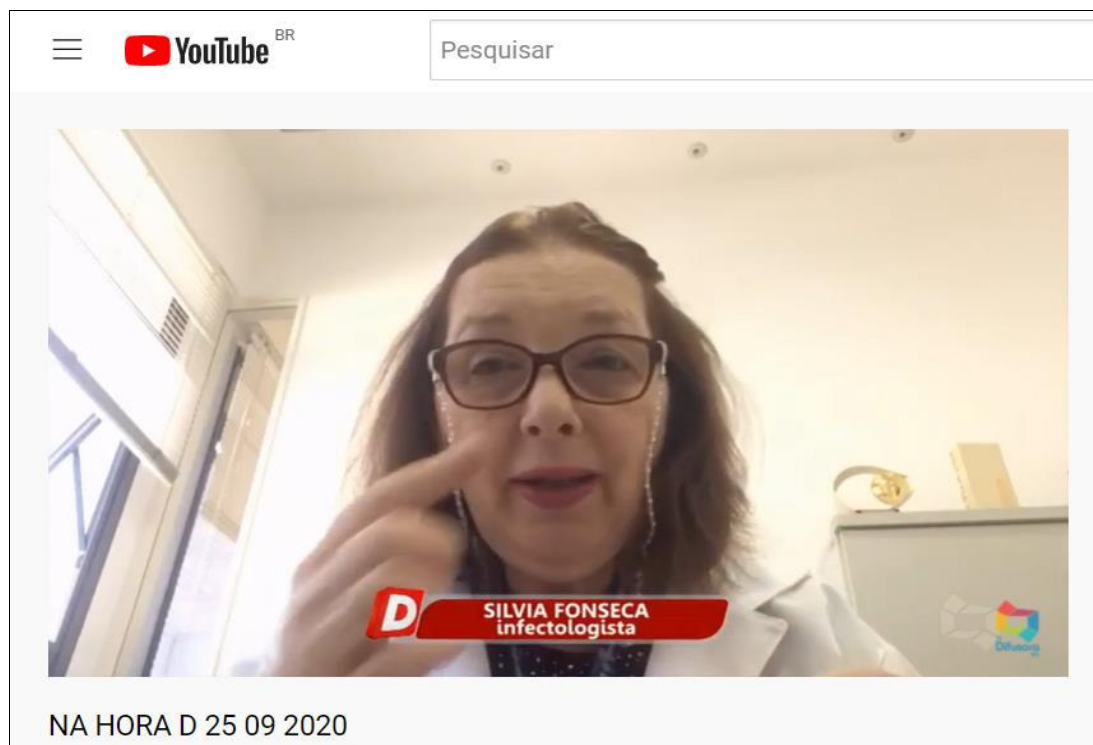


**Fonte: YouTube (2022)**

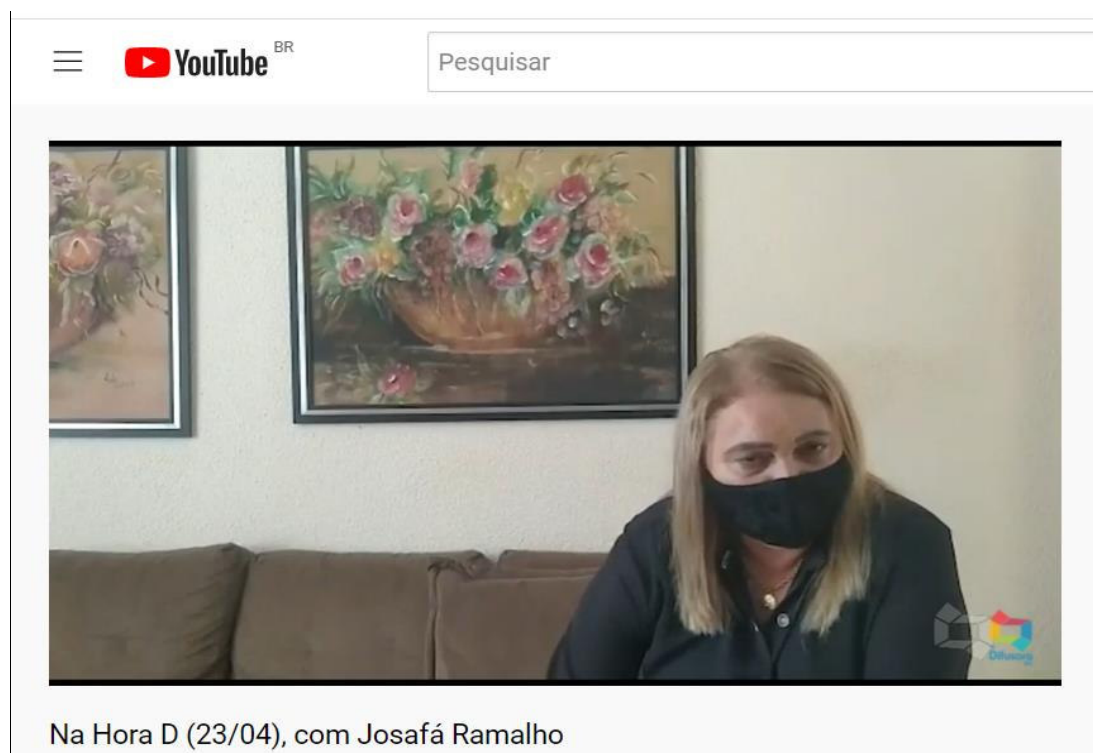
Podemos observar na imagem acima que o entrevistado gravou o vídeo em um carro. O que já foi descrito sobre as entrevistas em vídeos, na qual a fonte grava no local em que está, aparentemente a gravação foi realizada através de celular.

As duas imagens a seguir também seguem entrevistas mandadas pelas fontes, ou seja, por vídeo.



**Figura 20 – Momento durante a entrevista por vídeo**

Fonte: YouTube (2020)

**Figura 21 – Momento durante a entrevista por vídeo**

Fonte: YouTube (2021)

Nas **imagens 19 e 20**, acima, as duas entrevistas também são realizadas por vídeo. Isso pode ser concluído a partir do enquadramento da câmera. A infectologista aparenta estar em seu escritório, e nas imagens ela está olhando de cima para baixo, isso demonstra que ela colocou o celular apoiado a algum objeto e gravou.

Na segunda imagem, a entrevistada está posicionada bem ao lado direito do enquadramento, o que possibilita concluir que foi usado até mesmo a câmera traseira do celular durante a gravação, devido sua posição, que mostra que ela não estava se vendo para saber em que lugar deveria ficar. Além do cenário, que parece ser em sua própria residência.

Estes três exemplos (imagens: 18, 19 e 20), mostram o quanto o celular foi usado como ferramenta durante as entrevistas em meio a pandemia. Isso, devido à facilidade em obter informação e pela possibilidade de ser mais acessível gravar, editar, compartilhar material em áudio ou vídeo, mas principalmente para cumprir com os protocolos sanitários.

### **5.7 Alterações identificadas nos diferentes períodos em relação ao processo de produção jornalística em atendimento às medidas sanitárias**

É fato que o tema de uma reportagem é quem dita às fontes que vão construir a mesma. Dessa maneira, a pesquisa constatou que a produção segue uma linha tênue em todos os períodos analisados. As reportagens, sejam elas gravadas, ao vivo, por via Skype, por vídeo, seguem um padrão. Por exemplo: analisamos que o jornal sempre começa com as ‘chamadas’, um breve histórico sobre as reportagens que serão exibidas em determinada edição, logo após uma, duas ou três reportagens são apresentadas, em seguida uma propaganda (as vezes entre uma e outra reportagem uma propaganda é exibida) e o intervalo. Ao voltar do intervalo outra propaganda é exibida e em seguida as seguintes reportagens, e assim sucede nas próximas edições.

No entanto, observamos que quanto às medidas sanitárias há uma mudança considerável entre os períodos. Isso aconteceu, devido os assuntos abordados em cada edição. As reportagens que demandaram mais fontes foram as de abril de 2021 e janeiro de 2022, por causa dos assuntos abordados. No mês de abril, os assuntos envolviam questões sobre saúde, principalmente a covid-19, as fontes mais utilizadas eram profissionais da área, além das fontes secundárias, ou seja, as que completavam

a reportagem. Já no mês de janeiro, as fortes chuvas tiveram destaque devido aos alagamentos e estragos causados. Neste período, as fontes mais utilizadas também foram profissionais da área, principalmente os que são de infraestrutura, até mesmo da Defesa Civil, além das fontes secundárias também, que geralmente são donas de casa, pessoas contratadas, alunos, pai/mãe, dentre outros, diretamente afetados pelas enchentes.

Percebemos que quando os assuntos se tratam de **infraestrutura, rede pública e trabalho** há uma quantidade maior de entrevistados, e a maioria estão nos locais onde a matéria será gravada, essas pessoas são conhecidas como fontes secundárias. Elas são escolhidas ali no local para concederem a entrevista e muitas vezes não se utilizam de máscara, muito menos do distanciamento social.

Os temas que mais utilizaram fontes para compor as matérias foram:

- 1- Vacinação
- 2- Corpo do SAMU ajudam no nascimento de um bebê
- 3- Associação dos Horticultores
- 4- Situação da cidade de Bela Vista devido às enchentes
- 5- Alagamento em Imperatriz
- 6- Números sobre homicídios e assassinatos em Imperatriz
- 7- Situação da MA-122 devido as fortes chuvas
- 8- Falta de água em Imperatriz

De acordo com esses oito temas, percebemos que eles foram os que demandaram mais entrevistados. O tema de número 1 (Vacinação), que aborda sobre vacinação esteve presente nas edições dos dias: 29/09/2020 – sobre a vacinação contra a febre aftosa; 19/04/2021 – vacina para indígenas no combate a covid-19 e vacinação para crianças contra a gripe; 20/04/2021 – professores recebem vacina da covid-19; 22/04/2021 – vacinação contra a covid-19.

No número 2 (Corpo do SAMU ajudam no nascimento de um bebê), a matéria foi exibida no dia 21/04/2021, no qual a reportagem fala sobre o nascimento de um bebê que o corpo de bombeiros ajudou a realizar e que teve o envolvimento de fontes oficiais e também dos parentes do recém-nascido.

O tópico **3** (Associação dos Horticultores), do dia 04/01/2022 com o tema sobre a Associação do Horticultores envolveu 6 entrevistados, sendo apenas fontes secundárias, além das oficiais. A matéria diz respeito ao risco da perda das terras usadas para plantio que os horticultores utilizam.

O **4** (Situação da cidade de Bela Vista do Tocantins devido às enchentes), na mesma edição do dia 04/01/2022, trouxe informações a respeito da situação da cidade de Bela Vista devido as enchentes, na qual foram ouvidas 8 fontes secundárias, fora as primárias/oficiais.

Já no número **5** (Alagamento em Imperatriz), o tema sobre os alagamentos ganhou destaque em todos os dias do último período analisado, na semana de janeiro, segue os dias: 03/01/2022, 04/01/2022, 05/01/2022, 06/01/2022 e 12/01/2022.

De maneira geral, esses dias trouxeram informações sobre a situação da cidade de Imperatriz, como estava o nível do Rio Tocantins, sobre o apoio que as famílias receberam por perderem tudo ou praticamente tudo, dentre outras questões, o que demandou muitas fontes para falarem sobre, tanto oficiais como secundárias.

O tópico **6** (Números sobre homicídios e assassinatos em Imperatriz), teve uma boa quantidade de entrevistados devido a abordagem sobre homicídios e assassinatos terem sido bastante recorrentes. Quatro edições analisadas abordaram sobre a temática: 25/09/2020 – duas matérias sobre assassinato; em 19/04/2021 – outra matéria sobre assassinato, desta vez de um policial; dia 21/04/2021 – tentativa de assassinato; em 06/01/2022 – outra tentativa de assassinato, e uma matéria nesta mesma edição sobre o número de homicídios e assassinatos que aumentaram.

O número **7** (Situação da MA-122 devido as fortes chuvas), do dia 12/01/2022, também se encaixa no número **5**, porque abordam o mesmo tema, mas foram colocados como destaque porque o material informativo sobre a situação da MA-122 foi a que mais teve entrevistados, somente ela abordou 7 fontes, todas secundárias que foram acionadas na rua durante a gravação. Por último, o tópico **8** (Falta de água em Imperatriz), falando sobre a falta de água em Imperatriz, também na edição do dia 12/01/2022. Esta também não teve fontes oficiais, mas se utilizou de 5 moradores no bairro onde a matéria foi gravada, no local que ocorreu a falta de água.

Ademais, percebemos também que quando se trata de fontes oficiais, estes já agendados nas matérias, aparecem preparados conforme as medidas sanitárias para

darem a entrevista. De todas as matérias analisadas, resolvemos criar uma última tabela para esclarecer sobre a quantidade de matérias em que se foi utilizado fontes oficiais e fontes secundárias.

**Tabela 8 – Quantidade de material coletado que utilizaram fontes primárias, secundárias e de ambas durante as entrevistas**

<b>Fontes</b>	<b>Quantidade</b>
Primárias (oficiais)	80
Secundárias	27
Ambas (oficiais e secundárias)	14
<b>TOTAL</b>	<b>121</b>

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com a tabela acima, percebemos que as fontes primárias/oficiais foram as mais utilizadas das 121 edições analisadas. Essa informação, por sua vez, infere quanto ao seguimento das medidas preventivas, não apenas por parte das fontes oficiais, mas também dos repórteres. As fontes oficiais seguem o protocolo sanitário, devido serem profissionais que demandam exemplo à sociedade, da mesma forma os repórteres.

Percebemos que mediante ao que Oliveira (2020) fala que uma das regras quase invioláveis dentro do telejornalismo se dá devido à posse do microfone por parte da fonte, na qual concluímos durante a análise que essa medida teve de ser adotada em algumas vezes. Porém, essa regra passou a ser também readequada, como diz Silva e Matos (2021), a readaptação também foi uma opção para que determinadas regras não fossem totalmente violadas ou até mesmo abandonadas. Além disso, o repórter também se utiliza do distanciamento social não só como medida preventiva, mas para que não seja compartilhado o uso do microfone com a fonte.

Ao falarmos de fontes secundárias, entendemos que são pessoas que podem ser abordadas na rua ou até mesmo pessoas com atividades do dia a dia, empregados, donas de casa, estudantes, pai/mãe, dentre outros. Estes por sua vez, não seguem à risca as medidas preventivas solicitadas pelo Ministério da Saúde.

De acordo com a matéria do portal Imirante.com<sup>18</sup>, em 17 de novembro de 2021, o uso de máscara deixava de ser obrigatório na cidade de Imperatriz, isso aconteceu devido ao avanço dos números de pessoas vacinadas. No entanto, dia 29 de novembro de 2021, segundo o jornal O Imparcial<sup>19</sup>, um novo decreto foi emitido que exigia a retomada do uso de máscara em ambientes públicos os privados em Imperatriz.

Esse ‘bate-volta’ quanto ao uso de máscara, revelado nas duas matérias, demonstra a falta de compromisso por parte da população quanto ao uso de um dos mais importantes meios de proteção, o uso da máscara. Aliás, o uso incorreto da máscara também faz parte dos ‘costumes’ ou como muitos dizem, o famoso ‘jeitinho brasileiro’, do qual as pessoas se utilizam para alegarem o uso da máscara. A falta da proteção facial foi identificada por meio das matérias que refletem o comportamento diário da população em geral, e que na maioria das vezes não seguia os protocolos sanitários.

---

<sup>18</sup> Uso de máscara não é mais obrigatório em Imperatriz. Imirante.com. Imperatriz. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2021/11/17/uso-de-mascara-nao-e-mais-obrigatorio-em-imperatriz>

<sup>19</sup> Imperatriz retoma uso obrigatório de máscaras em locais públicos. O Imparcial. São Paulo. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/saude/2021/11/imperatriz-retoma-uso-obrigatorio-uso-de-mascara-em-locais-publicos/>

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo fazer um estudo sobre as alterações no processo de produção jornalística por conta dos protocolos sanitários decorrentes da pandemia covid-19 implementados pelo **Jornal Na Hora D, da cidade de Imperatriz – MA**, por meio da análise das edições do jornal na plataforma YouTube. Para isso, o recorte necessário da análise se dividiu em três períodos: setembro de 2020, abril de 2021 e janeiro de 2022, somando um total de 15 programas, 5 de cada ano, ou seja, uma semana de cada período do telejornal. Com base nessa proposta, a pesquisa se debruçou e se sustentou por meio dos seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa exploratória, revisão bibliográfica e análise de conteúdo.

De maneira geral, observamos que as alterações não aconteceram de forma tão estruturada em cada processo de produção, seja desde a coleta de dados ao produto final. Com base na pesquisa, concluímos que algumas práticas jornalísticas não foram mudadas ou abandonadas, mas alteradas, além de algumas delas já fazerem parte do cotidiano da produção do telejornalismo muito antes da pandemia. Como por exemplo: entrevista por vídeo. Essa prática se tornou intensiva no período da pandemia devido às recomendações do protocolo sanitário, a fim de evitarem a proliferação da covid-19.

Ainda falando sobre as mudanças, observamos que quanto às medidas sanitárias, os profissionais do jornalismo e as fontes oficiais são quem levam em consideração seguir à risca o uso de máscara e a prática do distanciamento social. Já as fontes secundárias, aparentemente não cumprem com o protocolo sanitário, como deveriam.

Percebemos que quando se trata de entrevistas em estúdio, os entrevistados e o apresentador levam em consideração os cuidados quanto às medidas preventivas. Não dizendo que fora dele isso não acontece, a questão é que a maioria das reportagens são feitas nas ruas/local referente à matéria, isso faz com que o distanciamento e até mesmo o uso da máscara não sejam levados em consideração por parte dos entrevistados. Além disso, o assunto da reportagem também infere quanto a se prevenir com as medidas sanitárias quando os assuntos são de maior importância, ou

seja, quanto mais fontes oficiais determinada reportagem precise, mais essas fontes levam em consideração usarem as medidas preventivas.

Cabe aqui dizer que percebemos uma importância maior em considerar as medidas preventivas dentro do estúdio, seja por parte do apresentador, ou por parte dos jornalistas. Fora dele, quem prioriza e se protege são os jornalistas (seja quanto ao uso de máscara e/ou o distanciamento social), e ainda os entrevistados que irão fazer parte de uma matéria planejada, que neste caso o repórter já sabe quem serão os participantes da reportagem. Por outro lado, algumas fontes não possuem a mesma preocupação, até porque como pudemos observar durante a análise, uma pequena parcela de entrevistados era ‘escolhida’ na rua para participarem da matéria. Estes, na maioria das vezes, estavam sem a proteção facial. Possivelmente reproduzindo um comportamento comum na cidade, conforme vimos em algumas matérias destacadas, sobre o não cumprimento das medidas de proteção exigidas.

No que se refere em alterações nas edições, concluímos que os períodos escolhidos se diferem em algumas questões. Na semana de setembro de 2020, percebemos que era um período de política regional, portanto, muitas das edições apresentavam boletins sobre os respectivos candidatos. Abril de 2021 foi o mês que teve um aumento em mais de 50% de óbitos pela covid-19. E em janeiro de 2022, os assuntos mais destacados estavam voltados às enchentes que atingiram a cidade de Imperatriz.

Nos três períodos analisados, os assuntos abordados por mais que apresentem quantidades diferentes em cada recorte, seguem um padrão de produção. Ou seja, as entrevistas - ao vivo, por vídeo ou estúdio; o uso do microfone – que na maioria das vezes é o repórter quem tem posse; o seguimento quanto ao distanciamento social e o uso de máscara – seja por parte dos profissionais ou fontes primárias e secundárias, dentre outros. Todos eles se desenvolvem seguindo as mesmas medidas.

Outra justificativa se volta à referência ao nome das fontes nas imagens usadas neste trabalho, devido à identificação dos entrevistados não serem um padrão em todas as reportagens nas legendas durante a exibição do telejornal. Percebemos que às vezes o nome aparece junto com a profissão, e em outras vezes nenhum dos dois aparece. Dessa forma, optamos em usar imagens com e sem identificação para comprovar isso.



Vimos também que no início do ano de 2022 o jornal ganhou um novo horário, tendo um tempo maior de duração, começando às 11h45m e terminando 13h30m. Com um tempo maior, concluímos que a programação destina a maior parte aos assuntos com temas sobre saúde, infraestrutura, segurança e cunho social, a questão é que o tema sobre covid-19, mesmo ainda em meio à pandemia não teve tanta relevância e nem espaço, como analisado, nem mesmo os boletins com dados **nacionais (Brasil), estaduais (Maranhão) e regionais (Imperatriz)** sobre a covid-19 trazendo informações sobre: confirmados, recuperados e óbitos foram disponibilizados na semana de Janeiro.

Diante dos resultados, concluímos que a adaptação do telejornal Na Hora D em meio à pandemia da covid-19 não teve sua produção afetada a ponto de haver complicações quanto à exibição, tempo ou produção. Ao certo foi um período difícil, pois mesmo antes da pandemia as complicações em realizar entrevistas ou gravar reportagens já eram existentes. Com a pandemia, então, tudo se tornou mais desafiador. Mas os profissionais, além de conseguirem levar a informação ao telespectador, ainda sim, conseguiram manter as medidas exigidas pelo protocolo sanitário. Essa prática não serve apenas para que o vírus em si não prolifere, mas se torna um incentivo para a população ser mais consciente quanto à importância de cuidar de si e do outro. Dessa forma, os profissionais protegem a si mesmos e às fontes, se tornam um espelho (TRAQUINA, 2005) possível para sociedade.

Vale ressaltar que é quase impossível conseguir em 100% que a equipe ou qualquer outra profissão mantenham os protocolos sem nenhum tipo de erro, exemplo disso foi os que encontramos em alguns momentos na análise, casos em minoria comparado aos outros que seguiam à risca os protocolos de saúde.

Urge, portanto, mencionar que este estudo contribuiu para analisar como ocorreu a adaptação e até mesmo quais as alterações/ adaptações de um dos principais telejornais de Imperatriz: Na Hora D, em meio a um período totalmente inesperado e desafiador – a pandemia da covid-19. A pesquisa ainda possui questões que podem ser abordadas em outros estudos. Concluímos assim que este trabalho foi importante não somente para entender como o jornal se desenvolveu durante a pandemia, mas também é uma pesquisa que engloba o jornal local da cidade de Imperatriz, pois como

supracitado, os trabalhos sobre o tema ainda são poucos e carecem de maiores produções em todos os níveis de estudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ana Karolina de Carvalho Pereira; TEIXEIRA, Juliana Fernandes; SILVA, Luziário de Souza. Explorando as redes sociais digitais para o ensino do jornalismo na pandemia do coronavírus: uma análise do perfil de Instagram UFPI no combate à COVID-19. In: **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Teresina – PI, de 01 a 10 de Dezembro de 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/schedConf/presentations>  
Acesso em: 19/10/2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Editora Edições 70. 2016.

BONIN, Jiani Adriana. Processos e percursos de construção de pesquisas em recepção: algumas reflexões epistêmico-metodológicas. **Revista Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 17, p. 13-25, setembro. 2018. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/issue/view/292/showToc>  
Acesso em: 17/11/2021.

BRANDÃO, Mônica Barbosa. Do regional ao nacional: um estudo comparativo entre o Bom Dia Mirante e o Bom Dia Brasil. 2013. 101f. **Monografia** – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2013.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins; SOUZA, José Jullian Gomes de. Telejornalismo, Trabalho e Saúde na cobertura da pandemia da covid-19. **Revista Dispositiva**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 68-86, ago/dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/23906>  
Acesso em: 12/11/2021.

CAMPONEZ, C. **Ágora Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades**. Portugal. Editora LabCom, 2012.

CARNEIRO, Pollyanna Vieira. Bom dia Imperatriz: um estudo sobre telejornais matutinos. 2010. 52f. **Monografia** – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2010.

CAVENAGHI, Beatriz de Araujo. Telejornalismo local: Estratégias discursivas e a configuração do telespectador. **Dissertação** – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

COUTINHO, Iluska; MARTINS, Simone. Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público. In: **Anais do Colóquio Internacional - Televisão e Realidade**, Bahia – BA, de 21 a 24 de Outubro de 2008. Disponível em: <http://www.tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Simone%20Martins%20e%20Iluska%20Coutinho.pdf>. Acesso em: 27/10/2021.

DORNELLES, B. **Estudos de mídia regional, local e comunitária**. São Paulo. Editora Arte e Ciência, 2008.

FERRARETO, Luiz Arthur; MORGADO, Fernando. **COVID-19 E COMUNICAÇÃO: UM GUIA PRÁTICO PARA ENFRENTAR A CRISE**. Núcleo de estudos de rádio, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213925/001118081.pdf?sequence=1>  
Acesso em: 10/11/2021.

FIGARO, R. et al. **Como trabalham os comunicadores em tempo de pandemia da covid-19**. Editora Eca, 2020.

FIGUEIREDO, Marcos Arruda Valente de. TV DIFUSORA: a política na história da televisão no estado do Maranhão - 1962 a 1991. 2016. 250f. **Tese** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2016.

GARCIA, Santiago Naliato. A nossa telinha: a TV brasileira e seu desenvolvimento, do preto e branco ao digital, a partir de políticas públicas e comerciais. In: XV Colóquio 71 Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação - CELACOM, Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2011. **Anais** [...], Araraquara, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo. Editora: Atlas. 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo. Editora: Atlas. 1991.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi; COSTA, Cristiane Finger. O impacto da pandemia de covid-19 nas rotinas dos departamentos de esportes das rádios Guaíba, Itatiaia, Super Tupi e Bandeirantes. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, São Paulo, v.10, n° 1, p. 1-18, Julho. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4646>  
Acesso em: 10/11/2021.

LACERDA, Vera Lucia de Lima. Jornalismo regional e a construção da cidadania: a ponte entre a comunidade e os poderes constituídos - estudo de caso do programa “o bairro que eu quero” tv morena/ms. 2006. 251f. **Dissertação** – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2006.

LOPES, F. et al. A cobertura noticiosa da pandemia: um retrato dos dilemas e práticas profissionais na era Covid-19. **Revista Mediapolis**. Coimbra, n° 13, p. 109-124, setembro. 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/9758>  
Acesso em: 10/11/2021.

MARTINO, L. M. S. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias e práticas**. Petrópolis. Editora: Vozes. 2018.

MELLO, Jaciara. Telejornalismo no Brasil. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>. Acesso em: 22/11/2021.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n° 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roque-Moraes\\_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf). Acesso em: 02/02/2022.

OLIVEIRA, Janaína da Silva. Entre semelhanças e disparidades: um estudo comparativo das coberturas realizadas pelo jornal Nacional e jornal da Record no primeiro mês da pandemia de covid-19 no Brasil. 2020. 72 f. **Monografia** – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2020.

OLIVEIRA, Rodrigo Cássio; CHRISTINO, Daniel; MACHADO JÚNIOR, Eliseu Vieira (orgs). **Covid-19 e a comunicação** (e-book). Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

PEIXOTO, Felipe. Quando o repórter aparece na tv: o corpo e a voz da notícia no telejornalismo brasileiro. 2016. 130f. **Dissertação** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RÊGO, Marília Gabriela Silva; SILVA, Acsa Roberta Macena da. Telejornalismo público local: potencialidades entre o regionalismo, a credibilidade e o enfrentamento do coronavírus. In: **18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Pernambuco** – PI, de 3 a 6 de Novembro de 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2522/1308>. Acesso em: 19/10/2021.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Retrospectiva do telejornalismo brasileiro. **Revista Metodista**. São Paulo, n° 31, p. 35-50. 2017. Disponível: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/7888>. Acesso em: 22/11/2021.

SAKUDA, Luiz Ojima; VASCONCELOS, Flávio de Carvalho. Teletrabalho: desafios e perspectivas. **Revista O&S**. Salvador, vol. 12, n° 33, p. 39-49, abril/junho. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/qqdBLwZQH6xFkSzgkty4Yfs/?format=pdf>. Acesso em: 17/11/2021.

SANTANA, Camila Lima Santana e; SALES, Kathia Marise Borges. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia covid-19. **Revista Interfaces Científicas**. Aracaju, v.10, n° 1, p. 75-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181>. Acesso em: 12/05/2022.

SILVA, Marcelli Alves da; MATOS, Marcos Fábio Belo. Telejornalismo e a pandemia da Covid-19: novas práticas de produção. **Revista Raón y Palabra**. México, vol. 24, n° 111, p. 212-235, agosto. 2021. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/issue/view/35>. Acesso em: 20/10/2021.

SILVA, Sara Dantas do Rego. Telejornalismo regional no Maranhão: rotinas de produção e percepção dos profissionais de comunicação das TV Mirante e TV Difusora. 2021. 146f. **Dissertação** – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

SOUZA, Karla Caroline Nery. Linguagem do Jornal Nacional: como se constrói um telejornal?. In: **Anais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – Unisinos, São Leopoldo – RS, de 1 a 2 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-1048-1.pdf>  
Acesso em: 27/10/2021.

SOUZA, Suyanne Tolentino de. Adaptação das práticas laboratoriais em tempos de Covid-19: a produção em uma redação convergente de Jornalismo. **Revista Estudos do Jornalismo**. Portugal, n° 12, p. 6-22, dezembro. 2020. Disponível em: [http://revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20210121-ej12\\_2020.pdf](http://revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20210121-ej12_2020.pdf)  
Acesso em: 29/04/2021.

SOUZA, Suyanne Tolentino de. Experiências laboratoriais – A pesquisa-formação no processo da implantação de uma redação convergente de jornalismo. **Revista Estudos do Jornalismo**. Portugal, v. 1, n° 6, p. 53-69, dezembro. 2016. Disponível em: [http://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20161231-ej6\\_v1\\_2016.pdf](http://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20161231-ej6_v1_2016.pdf)  
Acesso em: 29/04/2021.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. Florianópolis. Editora: Insular. 2005.

XAVIER, Aline; RODRIGUES, Liliana. Práticas para elaborar reportagens telejornalísticas. In: **Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, Manaus – AM, de 01 a 03 de Maio de 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0170-1.pdf>  
Acesso em: 12/05/2022.